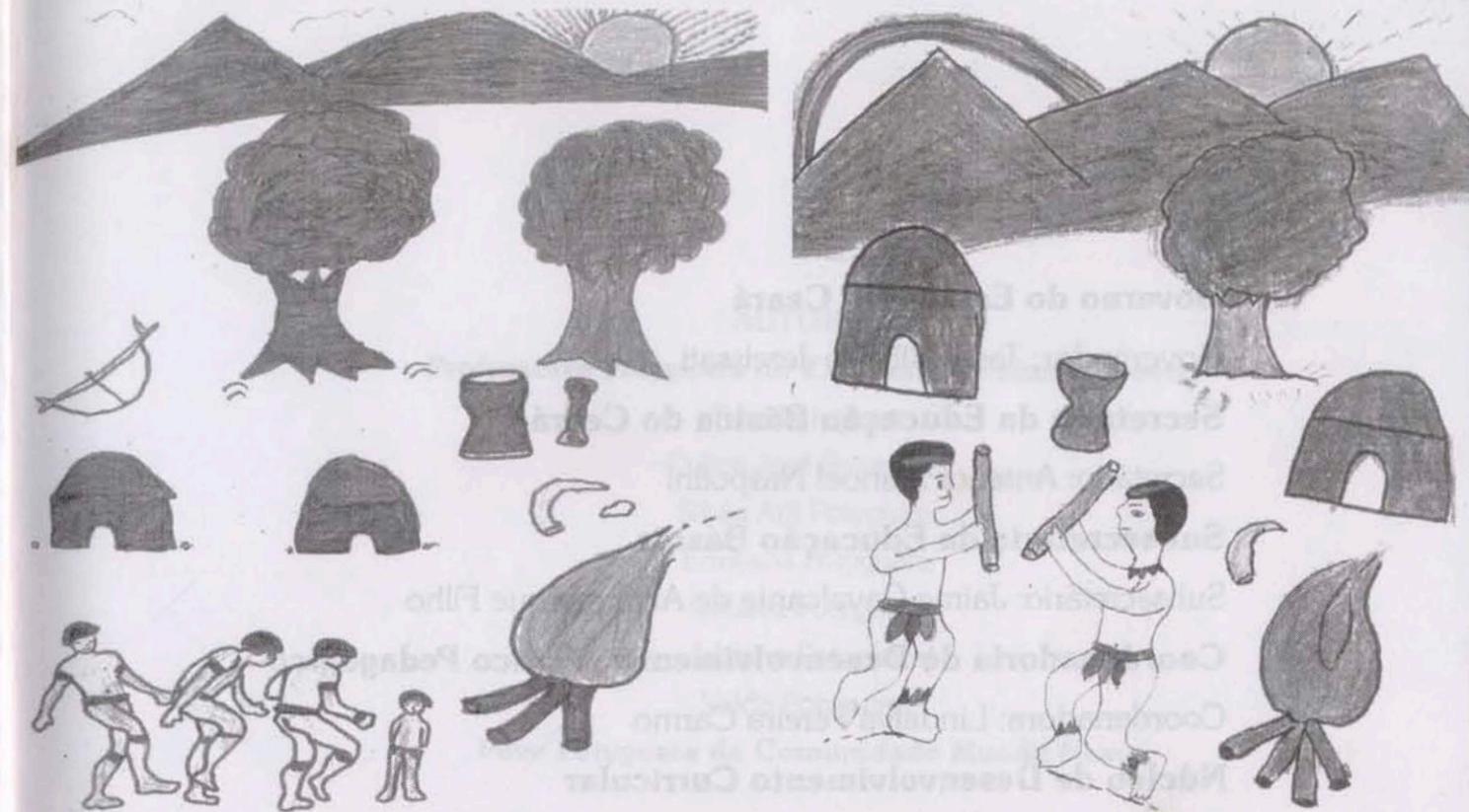


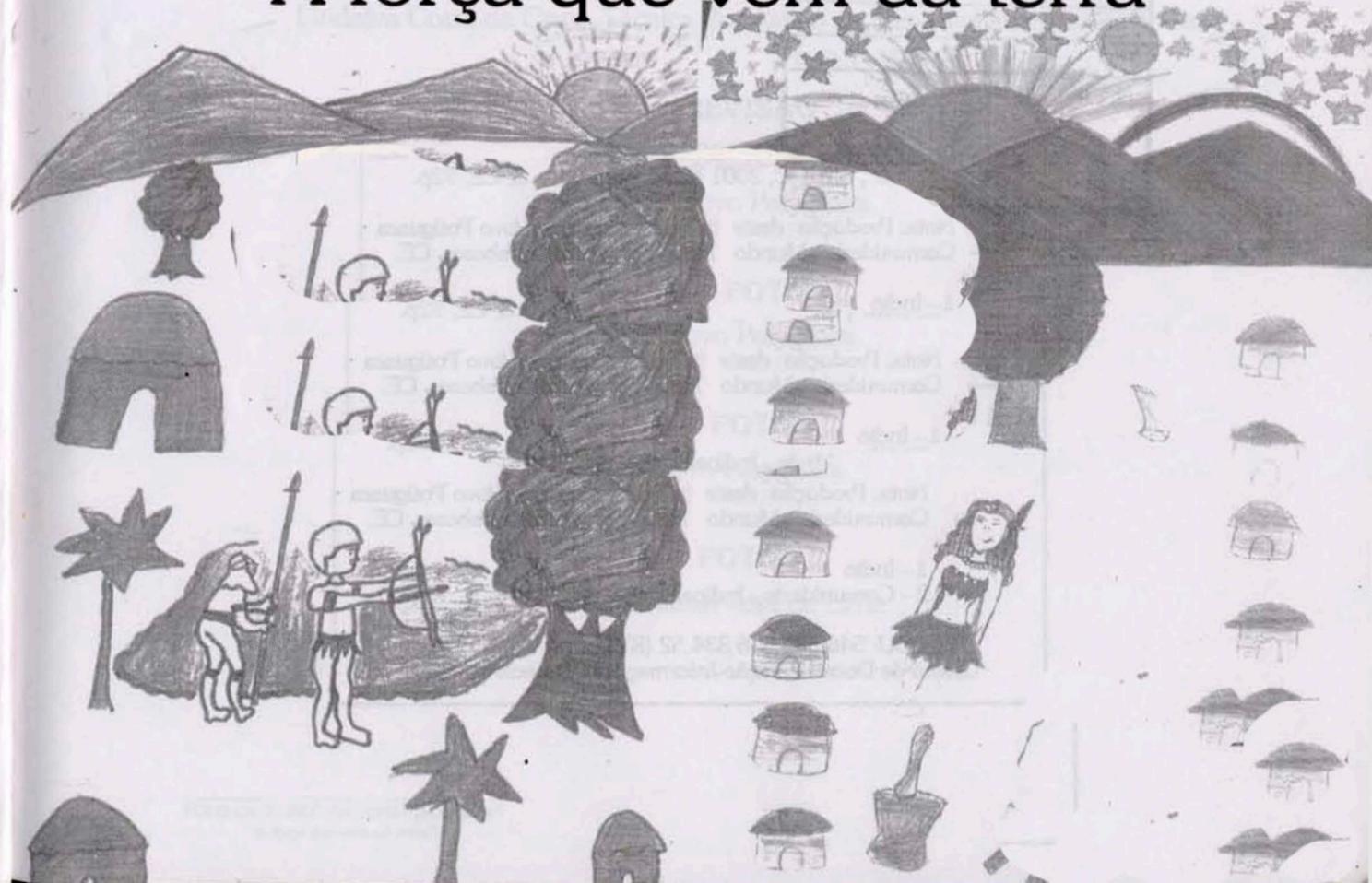
POVO CACETEIRO DA SERRA DAS MATAS

“A força que vem da terra”





**POVO CACETEIRO DA
SERRA DAS MATAS**
“A força que vem da terra”



Governo do Estado do Ceará

Governador: Tasso Ribeiro Jereissati

Secretaria da Educação Básica do Ceará

Secretário: Antenor Manoel Napolini

Subsecretaria da Educação Básica

Subsecretário: Jaime Cavalcante de Albuquerque Filho

Coordenadoria de Desenvolvimento Técnico Pedagógico

Coordenadora: Lindalva Pereira Carmo

Núcleo de Desenvolvimento Curricular

Diretora: Maria Socorro Bezerra Leal

Célula de Ensino Fundamental

Assessora Técnica: Leniza Romero Frota Quinderé

FICHA CATALOGRÁFICA

P881 POVO CACETEIRO DA SERRA DAS MATAS "A força que vem da terra", SEDUC, 2001 Monsenhor Tabosa, CE, 92p.

Nota: Produção deste livro é autoria do Povo Potiguara da Comunidade Mundo Novo Monsenhor Tabosa, CE.

- 1 - Índio
- 2 - Comunidade - Indígena

CDU: 546.682:316.334.52 (812/813)
Centro de Documentação Informações Educacionais - SEDUC

AUTORES

Professores Potiguara da Comunidade Mundo Novo:

Teka Potiguara
Culica José Potiguara
Sibáa Arli Potiguara
Emiliana Potiguara
Cidalva Potiguara
Adriana Potiguara
Valda Potiguara

Povo Potiguara da Comunidade Mundo Novo

CONSULTORIA

Francisco José Pinheiro - Prof. do Departamento de História da
Universidade Federal do Ceará

ORGANIZAÇÃO

Maria José Pinheiro Marques - Técnica do Núcleo de Desenvolvimento Curricular
Lindalva Costa da Cruz - Técnica do Núcleo de Desenvolvimento Curricular

REVISÃO

Rita de Cássia de Oliveira
Helena Ary Karam

DIGITAÇÃO

Isabel Carlos Chaves

DESENHOS

Povo Potiguara

FOTOS

Genilson José de Lima

AGRADECIMENTOS

- Agradeço, em primeiro lugar, ao povo da Serra das Matas, água, terra, fogo e ar que colocaram em nós o espírito da vida e da transformação.
- Aos nossos antepassados que sustentam a nossa memória, a nossa cultura e a sobrevivência nos presentes e futuros dias.
- À Sebastião Mendes (Pitiguara) e Luiza Canuto (Teka) que sempre nos apoiaram e são os donos da Serra das Matas.
- À Maria da SEDUC que nos incentivou para a construção de este trabalho e a construção da Escola D. João de Deus.

Sou gerada deste povo e, nos últimos anos, venho acompanhando de forma mais específica a questão da saúde, economia e, principalmente, o trabalho de educação escolar, sempre tentando sistematizar o material escolar do dia-a-dia, bem como a conversa dos mais velhos para juntos escrevermos a nossa história. Isto se dá pelo fato de acreditar no futuro do meu povo e no seu direito à vida e à cultura diferenciada.

Teka Potyguara

- À Maria da SEDUC que nos incentivou para a construção de este trabalho e a construção da Escola D. João de Deus.
- À Maria Amélia por apoiar todos os projetos da Serra.
- Aos Pitiguara e Sebastião Mendes que sempre estiveram conosco nos dias de luta.
- Ao povo da Serra das Matas que nos sustentam e nos dão a história e a cultura diferenciada.

AGRADECIMENTOS

- Agradecemos, em primeiro lugar, aos quatro fenômenos símbolos sagrados: água, terra, fogo e ar que colocaram em nós o germe da vida e da inteligência.
- Aos nossos antepassados que cultivaram a nossa memória, a nossa cultura e introduziram-nos no processo educacional do dia-a-dia.
- À Sebastião Messias (Potyguara) e Luiza Canuto (Tabajara) que sempre nos apoiaram e são os símbolos de luta da Serra das Matas.
- À Mazé da SEDUC que nos incentivou para a construção deste livro e no processo de construção da Escola Diferenciada.
- À Bel e Geovana, do CREDE 13, pelo apoio e consideração nos trabalhos e planejamento dos professores indígenas da região de Crateús.
- À comunidade Potyguara pelo apoio, compreensão e amor pelo desenvolvimento deste trabalho.
- A nós, professores, que batalhamos até realizar este maravilhoso trabalho.
- À irmã Margarete pelo apoio, amor e consideração por nós Potyguara.
- À Maria Alice por está atenta no nosso coração e sempre nos valorizou.
- À Maria Amélia por apoiar todos povos indígenas do Ceará.
- Aos Tabajara e Sebastião Messias que sempre estiveram lado-a-lado conosco na alegria e também nas lutas.
- Ao professor Pinheiro que vem colaborando com suas pesquisas sobre a história e resgate das culturas indígenas.

"Somos Potyguara do tempo do fogueteiro"
Raimundo Darico

Prefácio.....	11
Apresentação.....	14
Credo dos Índios Potyguara.....	15
CAPÍTULO I - ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DOS POTYGUARA.....	17
- Histórico.....	19
- Perambulação dos Potyguara.....	21
- História da família Potyguara segundo a tradição oral.....	23
- A manutenção da tradição.....	26
• A Cacique.....	27
• O Pajé.....	28
- A luta pela Escola Diferenciada.....	29
- O dia-a-dia dos Potyguara.....	30
- O quebra jejum.....	31
- A inauguração da bodega Potyguara.....	32
- Alegria dos Potyguara.....	32
- Leis criadas pela comunidade Potyguara.....	33
- Saúde.....	34
CAPÍTULO II - ESCOLA DIFERENCIADA.....	37
- Oração indígena Potyguara.....	40
- Educação diferenciada.....	41
- A independência.....	45
- História de cativo no sertão cearense.....	46
- Experiência de chuva dos Potyguara.....	47
- O dia a dia dos nossos pais.....	48
- O bolsão da seca de 1999.....	49
- 15 de outubro, dia do Professor.....	49
- Carta da aluna Culica.....	50
- Como vive a nossa comunidade.....	51
- Os Potyguara.....	52
- Tempo de seca.....	53
- Entrevista.....	54
- Mensagem.....	55
- História de mim "Chica Pinote".....	55
- Nossa história.....	55

CAPÍTULO III - CULTURA POTYGUARA.....	57
- Cultura Potyguara nem o tempo levou.....	59
- Identidade ou identificação.....	59
- Reflexão: A importância de cada ser na vida de nós índios Potyguara.....	60
- Monsenhor Tabosa.....	61
- Costumes dos Potyguara.....	62
- O Ficante.....	63
- Obras da Natureza.....	64
- Quarta feira de cinzas.....	65
- Homenagem à mulher Potyguara.....	66
- Música Potyguara.....	67
- As doze excelências para pedir chuva.....	67
- Oferecimento das doze excelências.....	68
- A arte.....	68
- As parteiras e benzedores.....	68
- Música do casamento do besouro.....	70
- Caboré.....	71
- Verso.....	71
- As sepulturas antigas.....	71
- Música do jucá.....	72
- A utilidade da pedra.....	72
- Apresentação dos Potyguara e Tabajara em Monsenhor Tabosa.....	73
- Como viviam os nossos antepassados.....	73
- Roteiro para o sucesso: pesquisa.....	74
CAPÍTULO IV - A ECONOMIA POTYGUARA.....	81
- Perseverança dos Potyguara.....	83
- A importância do milho.....	83
- A batção do milho.....	83
- Colheita 1.....	85
- Colheita 2.....	85
- O que plantamos no roçado.....	86
- O que compramos no mercado.....	86
- A colheita da safra.....	87

PREFÁCIO

Os povos indígenas no Ceará, como em outras regiões do Brasil, enfrentam uma batalha cotidiana para garantir a sobrevivência e preservação de seu modo de vida. No Ceará, principalmente, esse processo tem sido mais difícil porque tem sido marcado por uma violência extrema. Violência não só contra a religião, cultura, mas também a violência física que coloca em risco a integridade destes povos. Hoje como no período colonial, o principal objeto do conflito é o direito ancestral desses povos aos seus territórios, que vem sendo negado de forma sistemática pela truculência dos interesses econômicos, muitas vezes, com a conivência do poder público.

No entanto, até mesmo o massacre perpetrado contra os povos indígenas, que culminou em 1863 com a declaração do Presidente da Província de que no Ceará não havia mais índios, não foi capaz de calá-los e nas últimas décadas do século XX, vários povos que haviam “desaparecidos”, ressurgiram.

O desaparecimento foi, na verdade, uma tática de sobrevivência destes povos em oposição à uma sociedade circundante, dita nacional, que teve como estratégia política principal a integração dos indígenas a essa sociedade.

A política de evangelização, que predominou até 1758, tinha como objetivo principal submetê-los à religião católica mas, sobretudo, integrá-los ao modo de vida capitalista do europeu. Se as políticas implementadas pelos missionários tinham um caráter integracionista, essa situação agravou-se com a adoção da política do diretório pombalino a partir de 1755, no Grão Pará e Maranhão, e posteriormente, em toda a colônia, em 1758, com a expulsão dos missionários jesuítas.

Com a nova legislação indigenista, a classe dominante luso-brasileira prossegue no seu objetivo de integrar os povos indígenas à sociedade circundante, mas, na prática, quer fazer desaparecer a comunidade indígena ao proibir o uso das suas línguas maternas, tornando obrigatório o português nas escolas e povoações indígenas, como se constata no trecho a seguir:

"Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as nações, que conquistarão novos domínios, introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável, que ele he hum dos meios mais eficazes para desterrar dos povos rusticos a barbaridade dos seus antigos costumes (...). Observando pois todas as nações polidas do mundo esse prudente, e solido sistema, nesta conquista se praticou tanto pelo contrario, que só Para desterrar este perniciosissimo abuso, será hum dos principaes cuidados dos diretores, estabelecer nas suas povoações o uso da língua portuguesa, não consentindo por modo algum, que os meninos e meninas, que pertencem as escolas, e todos aqueles índios, que forem capazes de instrução nesta matéria, usem da língua própria das suas Nações, ou a chamada geral mas, unicamente da Portuguesa".¹

¹ - Diretório que se deve observar nas Povoações dos índios do Pará, Maranhão, Ed. Miguel Rodrigues, Lisboa, 1758 p. 3,4 In MOREIRA NETO, Carlos de Araújo, Índios da Amazônia de Maioria a Minoria (1750 - 1850), Vozes, Petropolis, 1988, p. 168, 169

Para sedimentar o projeto de integração, a nova política apresentava uma proposta detalhada que foi implementada de forma desigual nas diversas Capitânicas. No Ceará, os estudos que estão sendo realizados demonstram que essa política no que diz respeito, ao menos, à subordinação das populações indígenas ao trabalho regular e disciplinado foi posta em prática com eficácia no final do século XVIII e nas primeiras décadas do XIX, no contexto da produção algodoeira. A implementação implicava na montagem de uma rede escolar nas vilas de índios, como estava explícito no artigo 7º:

"E como essa determinação é base fundamental da civilidade, que se pretende, haverá em todas as povoações duas escolas públicas, uma para os meninos na qual se lhes ensine a Doutrina Cristã, a ler, escrever, e contar na forma que se pratica em todas as escolas das nações civilizadas; e outra para as meninas, na qual, além de serem instruídas na doutrina cristã, se lhes ensinará a ler, escrever, fiar, fazer renda, costura, e todos os mais ministérios próprios daquele sexo".²

Além de tentar suprimir o idioma, um dos elementos fundamentais para garantir a sobrevivência de um grupo, as povoações e vilas de índios são transformados em escola para o trabalho. Como se constata, na citação acima, a escola, além de ensinar a ler e escrever, também adestrava para o trabalho. Mas, como se não bastasse, a legislação pombalina impôs outros mecanismos, como o casamento misto (o casamento entre índios e não índios), que tinha por objetivo diluir a população indígena na comunidade nacional, sendo essa uma das pistas para entender o "desaparecimento" dos povos indígenas no Ceará. Não satisfeito com as tentativas de extermínio através do genocídio ou do etnocídio, os setores dominantes locais procuravam exterminar por decreto os povos indígenas. Em 1863, o Presidente da Província do Ceará decretava a extinção da comunidade indígena no Ceará, o que foi de imediato desmentido pelos índios que enviaram uma correspondência ao imperador solicitando a garantia dos seus direitos sobretudo em relação à terra. Na correspondência entre diversos ministérios do Império e o Presidente da Província do Ceará, posterior ao ano de 1863, há uma farta documentação, retratando o episódio como se constata, por exemplo, pela correspondência abaixo de 30 de setembro de 1874:

"Inteirado do que expõe o subdelegado de Polícia do distrito de Almofala, na representação que acerca de terras possuídas naquele distrito pelos índios da tribo tremembé(...)"

Como se percebe pelo aviso ministerial de 1874, mais uma vez, os índios denunciam ao Imperador os maltratos por eles sofridos e que têm como principal motivação as tentativas de usurpação, pelos grandes proprietários, de suas terras:

² - Idem, op.cit p. 169 -

"Tendo-se queixado a sua Magestade Imperial diversos índios descendentes dos primitivos povoadores do aldeamento em terras que compreendem as lagoas de Umari, jucá e Forquilha no termo de Baturité (...), da violência que há longo tempo sofrem, privados, por usurpação, do uso do gozo do que naquelas paragens possuem por si e por seus antepassados(...)"

O que se constata é que, a partir do século XVIII, quando se iniciou a ocupação efetiva do Ceará, estabeleceu-se um conflito aberto entre os povos indígenas e os conquistadores luso-brasileiros tendo como mote a disputa pela terra. Os setores dominantes, ao longo destes três séculos, utilizaram diversas estratégias para usurpar os territórios indígenas que vai do genocídio ao etnocídio. Mas, a despeito das agressões, a comunidade indígena resistiu e, neste momento, vários grupos reassumem publicamente suas identidades como é o caso dos Patyguara de Mundo Novo Monsenhor Tabosa, através deste livro, um pouco de cada um, em busca de uma identidade coletiva.

Este trabalho é, portanto, o resultado de um esforço coletivo de professores, alunos da escola diferenciada para resgatar a memória do grupo mas, sobretudo, de fortalecimento da identidade grupal. Os velhos foram de grande importância por representar uma das principais fontes de informação. O texto aborda desde a memória histórica, o cotidiano da comunidade, a utilização das plantas medicinais para o tratamento de doenças até a forma como se organizam para produzir as condições materiais.

O material é rico, mas deixa diversas lacunas que servirão como pistas ou picadas abertas para novas pesquisas.

Algumas das indicações foram feitas ao longo da elaboração do material o que inviabilizou respondê-las.

Esperamos, ainda, que o trabalho tenha prosseguimento para elucidar algumas questões que ficaram em aberto.

Francisco José Pinheiro
Prof. do Departamento de História
da Universidade Federal do Ceará

APRESENTAÇÃO

Cada item que compõe o presente livro faz parte de uma construção coletiva do povo POTIGUARA da comunidade indígena do Mundo Novo, município de Monsenhor Tabosa. Trata-se de um esforço comum em que todos os integrantes da comunidade participaram, com suas experiências de vida, o que culminou na elaboração do livro "povo caceteiro da serra das matas".

Aqui fica registrada a história de luta e resistência, de um povo que foi e continua sendo excluído, explorado, massacrado e perseguido de forma desumana, mas que nunca perdeu a fé, o amor, a esperança e, principalmente, a coragem de lutar pela dignidade da vida.

Os leitores, com certeza, irão se emocionar com as experiências relatadas da família POTYGUARA até o jeito de ser, de viver, de um povo que, ainda hoje, apesar do preconceito da sociedade, tem coragem de assumir a sua origem e de lutar corajosamente pelo resgate da sua cultura e de todos os seus direitos.

Vão em frente irmãos Potyguara porque a nossa história não começou e nem terminará pela ação dos grupos opressores. Com as nossas ações e com a nossa força e a das classes populares, construiremos a dignidade da vida e faremos a nossa própria história.

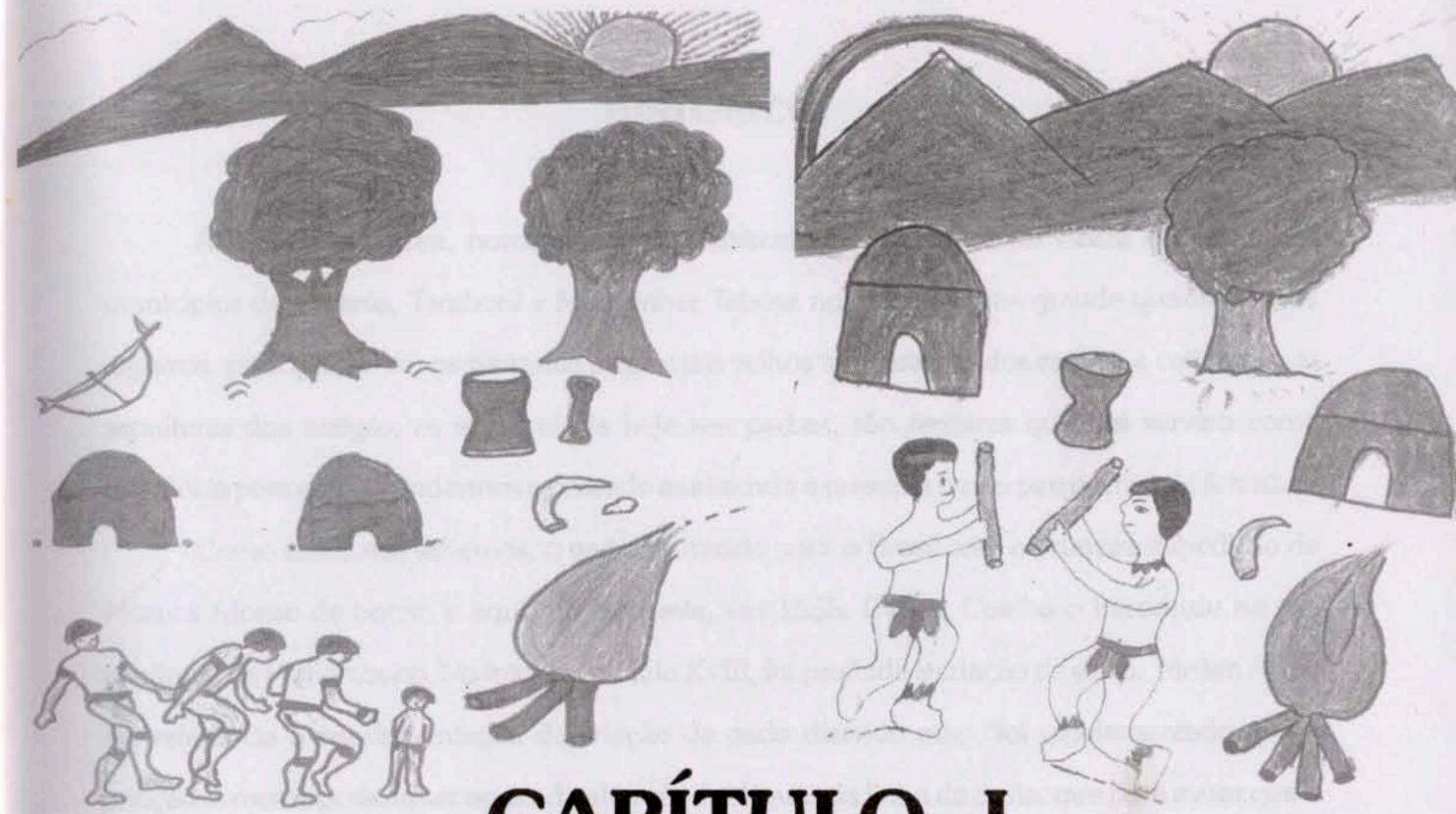
Sebastião Messias

*Lavrador, professor da comunidade de
Olho d'água dos Canutos*

CREDO DOS ÍNDIOS POTYGUARA

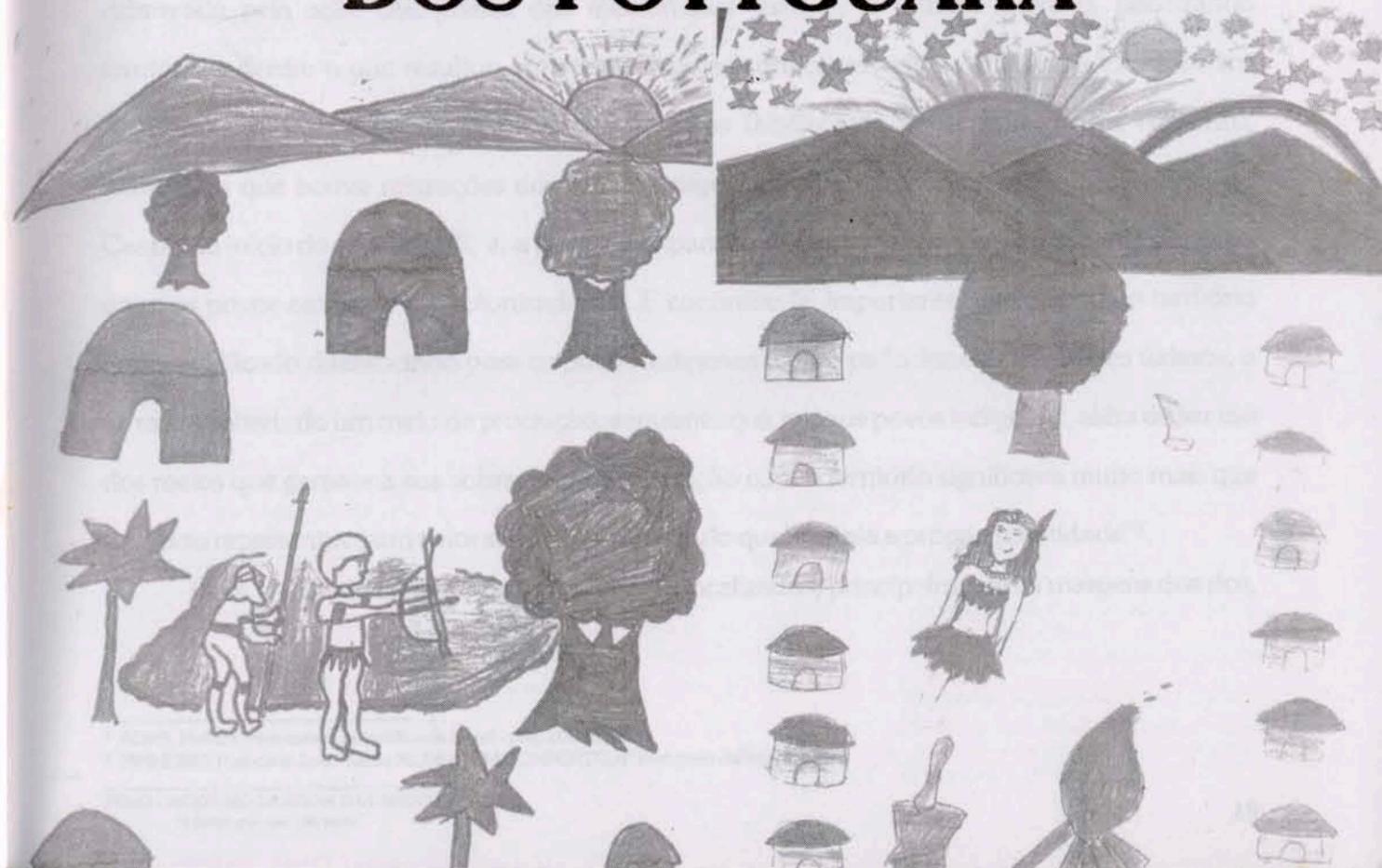
*Creio na lua
Creio nas estrelas
Creio nas nuvens
Creio no sol
Creio no vento, creio na água e no fogo
Acredito no arco celeste
Adoro as pedras. Amo as matas, os passarinhos
Admiro os bichos
Não digo nada com a chuva
Que molha nosso feijão
Não tenho medo do trovão
Por que dá chuva a gente
Respeito os relâmpagos por
Que queima a gente
Não digo más palavras
Quando está chovendo
Relampeando e trovejando
Não quero ver o sete estrela
No mês de maio, porque não alcanço o outro ano
Respeito o papai e a mamãe
Quando eles respeitam a gente
Acredito nos mais velhos
Porque eles são as pessoas da ciência
Acredito em tudo que pratico
Somos povo do fogo.*

Professora Sibá Potyguara



CAPÍTULO I

ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DOS POTYGUARA



HISTÓRICO

A história brasileira, nordestina e, especialmente dos Estados do Ceará e Piauí e dos municípios de Crateús, Tamboril e Monsenhor Tabosa nos oferece uma grande quantidade de registros, principalmente, os narrados pelos mais velhos nas histórias dos cativos e cativeiros, as sepulturas dos antigos, os sinais ainda hoje nas pedras, são registros que nos servem como referência para compreendermos o passado analisando o presente numa perspectiva de futuro.

Como todos nós sabemos, o gado foi trazido para o Brasil com a primeira expedição de Martins Afonso de Sousa e aqui, no Nordeste, em 1535, Duarte Coelho o introduziu na sua capitania de Pernambuco. No início do século XVIII, foi proibida a criação de gado. Mellen Adas, faz referência à regulamentação da criação de gado dizendo que: "foi regulamentado que a criação somente poderia ser realizada além de dez léguas da linha da costa, que para evitar que o gado estragasse as plantações de cana de açúcar e continua: "essa regulamentação, juntamente com o desenvolvimento da atividade mineradora em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso estimulou a penetração da pecuária no interior do território"¹.

A esta época, as tribos do litoral que não tinham sido exterminadas pela guerra ou submetida pela ação catequética dos missionários jesuítas, já tinham migrado, penetrando território a dentro o que resultou em várias disputas com outras tribos. O historiador Francisco José Pinheiro diz o seguinte: "Em relato feito pelos Tabajara da Serra da Ibiapaba, em 1720, demonstra que houve migrações dos povos indígenas do litoral da Bahia para a capitania do Ceará, no início do século XVII, e, a partir da expansão da pecuária tornou-se locus do confronto entre os povos nativos e os "colonizadores". E continua: "É importante ressaltar que o território tinha significado diferenciado para os povos indígenas e para os "colonos". Para estes últimos, a terra era sobretudo um meio de produção, enquanto que para os povos indígenas, além de ser um dos meios que garante a sua sobrevivência, a relação com o território significava muito mais que isso, pois representava um valor simbólico, através do qual definia a própria identidade"².

Com o estabelecimento de vários currais localizados, principalmente às margens dos rios,

¹ ADAS, Mellem, Panorama Geográfico do Brasil - pág. 206 e 207

² PINHEIRO, Francisco José - Texto: MUNDO EM CONFORTO, 4º Parágrafo da Introdução

caminhos utilizados pelos conquistadores, a luta se dará entre os índios e fazendeiros de gado, diz Capistrano de Abreu: "por esta margem do São Francisco existiam numerosas tribos indígenas, a maioria pertencente ao tronco (tupi-Kariri), algumas caribas como os pimenteiros, e até tupis com os Amoiperas. Com elas houve guerra, ou por não quererem ceder pacificamente os seus territórios ou por pretenderem desfrutar o gado contra a vontade dos invasores. A pecuária não precisava de tantos braços como a lavoura, nem do mesmo esforço e nem provocava a mesma repugnância. Além disso abundavam terras descobertas para onde os povos podiam imigrar. Entretanto, muitos foram escravizados, refugiaram-se em outras aldeias dirigidas por missionários, acostaram-se outros à sombra de homens poderosos, cujas balas esposaram e cujos ódios serviram"³. E Benedito Prezias, afirma: "os donos dos currais não respeitavam as terras dos antigos habitantes da região, deixavam boi solto. Foi o boi solto a origem de muitos conflitos entre portugueses e indígenas pois estes viam neste animal uma caça fácil e proveitosa, quando os indígenas atacavam o gado os vaqueiros reagiam e o conflito normalmente terminava sempre de forma desfavorável para os antigos donos do sertão"⁴, além disso, conforme diz Elza Nadai em "...a terra era o maior bem do índio. A sobrevivência deste dependia do domínio direto sobre o espaço que ocupava"⁵.

Era comum a organização de expedições oficiais para submeter e mesmo exterminar tribos inteiras em várias parte do Brasil. José Cláudio de Oliveira referiu-se de forma preconceituosa ao afirmar que: "**Os índios não têm noção de propriedade, causaram sem sombra de dúvidas muitos estragos, abatendo o gado que não lhes pertenciam. Em razão disso muitas lutas se travaram e os selvagens eram escravizados e mortos**"⁶. A visão do autor neste trecho demonstra a linha da história positivista, muito comum nos livros didáticos de História do Brasil. Certamente, contraria a todo o processo histórico do nosso país. Processe esse de massacre e desrespeito aos povos indígenas. Visão, ainda hoje incorporada na nossa sociedade e reforçada por muitos livros didáticos que passam uma imagem genérica, ingênua e romântica do índio brasileiro, não contemplando as suas lutas e as suas diferentes formas de organização. O contexto histórico desses povos nos mostra que os índios lutavam por espaços coletivos e os colonizadores invadiam suas terras diminuindo seus territórios e matando a população. Os povos indígenas não tinham a mesma noção de propriedade que os europeus e se encontravam o gado em seu território nada mais óbvio do que matá-lo, seria uma caça como outra qualquer, só que de tamanho maior e parecida com uma anta. No momento atual, a luta indígena continua na busca pela demarcação de suas terras, pelo resgate de sua identidade e pelo respeito aos seus direitos como cidadãos brasileiros.

³ ABREU, Capistrano - História Colonial, pág. 68

⁴ PREZIAS, Benedito, Elza Terra Tinha Dono, pág. 100

⁵ NADAI, Elza - História do Brasil - da Colônia a República, pág. 9

⁶ OLIVEIRA, José Cláudio - História do Ceará - Resumo Didático

A PERAMBULAÇÃO⁷ DOS POTYGUARA



Era uma vez uma tribo que se chamava Potyguara e que ficava situada na região da Serra das Mata à Serra da Ibiapaba. O povo dessa tribo era nômade e conhecia muito bem toda a faixa da Serra das Matas à Serra Grande (Ibiapaba) e região dos Inhamuns. Na época de inverno, ficava na Serra das Matas, pois havia bastante caça, pesca, frutinhas silvestres como: goiabinha, emburana, ameixa, trapiá, melancia da praia... e raízes como: colé e cará e outros fartos alimentos como o mel de abelha. De maio a agosto, este tipo de alimentação era procurado pelo povo, por isso que havia necessidade de andar de um lugar para outro.

A partir de agosto já era tempo do povo armar quixó (uma pequena pedra com cambão, armadilha e vareta com isca para esperar perto das pedras grandes o rabudo, o preá ou o mocó). Na época de seca, o povo se deslocava para a Serra Grande onde



O povo Potyguara com seus descendentes

havia outros tipos de comida como a mandioca, a macaxeira e o milho. Durante a viagem, o povo se alimentava de caça, miolo de xiquexique, batata de pau de mocó, pão de mucunã (lavado em nove águas). A medida em que o povo viajava todo junto era bom pelo fato de facilitar o conhecimento da região o que amenizava a viagem que podia durar até dois meses.

Os fazendeiros foram chegando e foi dificultando essa tão importante perambulação

⁷ Perambulação - Na cultura Potyguara perambular era um costume comum entre as pessoas e significa sair de um lugar para outro, em busca de outros espaços dentro do seu território, influenciados pelas mudanças ocasionadas pela Natureza.

(migração) dos Potyguara que já fazia parte da sua vida. O branco foi tomando o território e os Potyguara perdendo um pouco da sua cultura. Fazia parte do modo de vida dos Potyguara caçar, pescar e coletar frutas, batatas e raízes silvestres, enquanto que a agricultura era uma atividade secundária.

O povo **Potyguara**, morador desta terra há muito tempo, teve o território tradicionalmente ocupado pelos seus antepassados.

A etnia **Potyguara** com a sua cultura de resistência e luta pela terra sobreviveu no decorrer dos últimos três séculos, enfrentando cercas e secas no Ceará e no Nordeste, de modo especial da Serra das Matas à Serra Grande: São Benedito, Meruoca, Chaval, Camocim, Serra da Ibiapaba e Região dos Inhamuns.

Como já foi mencionado, uma das bases dos Potyguara era a Serra das Matas e, como eram nômades, quando retornavam da perambulação, a sua área já estava invadida pelos fazendeiros. Os Bentos do Jacinto lutaram muito para tomar esse pequeno território. Já com a carta de aforamento (uma légua), começaram a questionar, desde 1919, quando os Potyguara foram para a Serra da Ibiapaba. Nas secas de 1932, 1942 e 1944 os Potyguara também saíram de sua região. Todas essas saídas dos Potyguara representavam uma luta na sua chegada, pois seu território estava invadido pelos Bentos do Jacinto, (Jacinto fica localizado também no município de Monsenhor Tabosa bem próximo da localidade Mundo Novo) incentivados pelo Honório Melo, Prefeito, uma espécie de "Coronel" da cidade de Telha que hoje tem o nome de Monsenhor Tabosa. Em 1944, quando os Potyguara chegaram da Serra Grande, seu território estava invadido pelos Bentos e desta vez foram as mulheres que derrubaram e queimaram a cerca que estava dentro da área.

Culica Potyguara, Teka Potyguara

HISTÓRIA DA FAMÍLIA POTYGUARA SEGUNDO A TRADIÇÃO ORAL

Luzia Maria da Conceição e Germana Maria da Conceição, Manoel Luís da Conceição, Tereza Maria da Conceição, Tánara M. da Conceição, Praxedes M. da Conceição, Maria Inácia, todos irmãos de Germana Maria da Conceição que nasceu em 1840 (seus documentos estão em Tauá ou em Tamboril).

José Manoel Pedro da Silva que nasceu também em 1840 e casou com Germana, provavelmente seus documentos estão em Tauá, pois foram escravos do "Coronel Feitosa" em Inhamuns. Segundo história oral dos Potyguara mais velhos, o "Coronel Feitosa" possuía muito escravos chegando a 150 e quando ele ficava zangado retalhava as nádegas de algum dos escravos e colocava sal. Ele era um grande fazendeiro e muito malvado.

José Paixão de Maria e Maria Tomazia da Anunciação, ele nascido em Inhamuns aos 21 de julho de 1873 é filho de Luzia Maria da Conceição (escrava do coronel Feitosa). Ela nascida em 02 de fevereiro de 1873 em Flores, município de Tamboril é filha de Manoel Pedro da Silva e Germana M. da Conceição. Provavelmente escravos dos pais de José de Araújo Costa (Zé Felipe) que tinha um grande cativo em Campo Nobre, município de Tamboril e outro grande cativo em Jacinto, município de Monsenhor Tabosa. Segundo a tradição, as sepulturas que existem em Mundo Novo são dos escravos do cativo de Jacinto liderado pelo Zé Felipe.

José Paixão de Maria (Potyguara) e Maria Tomazia da Anunciação (também Potyguara porque eram primos) casaram-se em setembro de 1897, em seguida se deslocaram de Tamboril para Jacinto em Monsenhor Tabosa. E, só mais tarde, retornaram ao seu território que fica em Mundo Novo. No entanto, eles só conseguiram ocupar parte do seu território porque o restante estava ocupado pelos fazendeiros. Maria Tomazia era uma mulher que para a sua época se destacou pois lia e escrevia. Desde que casou em 1897, celebrava as novenas do mês de maio e a ladainha em latim. Ainda hoje na comunidade de Mundo Novo essas novenas são rezadas por seus descendentes em latim.

Foram dez os seus filhos:

- Guilebaldo nascido em 1898
- Antonio nascido em 1899
- Francisco nascido em 1902
- Maria nascida em 1904
- Manoel nascido em 1906
- Clarinda nascida em 1909
- Venceslau nascido em 1910
- Izabel nascida em 1912
- Vicencia nascida em 1915
- Marta nascida em 1918

Quando chegaram em Jacinto, localidade situada no município de Monsenhor Tabosa em 1903 já traziam três filhos. Passaram em Jacinto quinze anos, trabalhando para comprar um terreno, até que em 1918 compraram uma terra que já era dos próprios POTYGUARA. Essa propriedade ficava no lugar chamado **Mundo Novo** e foi comprada por 400 mil réis. E chegando aqui em Mundo Novo, no dia 6 de dezembro de 1918, o casal com dez filhos cinco do sexo masculino e cinco do sexo feminino encontrou aqui uma mata bruta com muita caça. Nesta mata foram encontrados pedaços de vasilhas de nosso povo, sepulturas e pedras com letras.

Vamos lembrar algumas datas importantes: durante a seca de 1919 se alimentaram com casca do mato, xiquexique, e mucunã. Em 1922 casou o primeiro filho; em 1923 o segundo; em 1927 o terceiro; em 1929 o quarto e em 1946 o quinto. Ficando as moças que não casaram. A família foi aumentando. Em 1932 foi a segunda seca, as famílias foram todas para Chaval, deixando o lugar desabitado. Voltaram de Chaval em 1935. Em 1936 existiam, neste lugar, seis famílias. O povo, já neste tempo, vivia em comum. Era assim. Existia um búzio que servia para chamar os vizinhos para tomar o café, quando numa casa tomava café chamava os outros através do búzio. Assopravam o búzio e as outras famílias saíam logo em direção daquele búzio pois sabiam que era o chamado para o café. Também quando iam para a cidade para as festas religiosas, ao voltar, a velha combinava com os seis filhos e se juntavam e compravam carne e quando chegavam faziam a comida só numa casa. Depois voltavam todos para suas casas. Assim, o povo sem saber já vivia em comum, isto ainda hoje existe.

Em 1942 por causa da seca foram obrigados a sair novamente para São Benedito, passando lá dois anos e voltando em 1944.

Maria Paixão (depoimento recolhido por Teka)



Descendentes dos Potyguara



Descendentes dos Potyguara

A MANUTENÇÃO DA TRADIÇÃO

A necessidade de manter a tradição Potyguara, fez ao longo do tempo com que o nosso povo preservasse alguns valores, formas de comportamento, idéias, o modo de ser, o costume de trabalhar junto repartindo o que tem e a luta pela preservação do seu território que foram transmitidos através da oralidade de geração a geração. Isso não tem sido fácil pois a influência externa é grande o que não nos impede de lutarmos pelo resgate de nossa identidade.

Para manter essa tradição duas Lideranças tem sido muito importante. São elas a Cacique e o Pajé que representam o elo de ligação do tronco Potyguara. São elas que buscam manter a tradição viva na memória do nosso povo através de um trabalho que visa o fortalecimento da vivência comunitária, presente no modo e agir, de ser, de se comportar e se relacionar entre si e com a natureza.

O acompanhar, participar e valorizar as atividades da Cacique e do Pajé na vida da comunidade vem dando sustentação a nossa tradição na parte social, política, econômica, cultural e religiosa.

Assim como cada cipó tem uma grande importância na construção URU⁸ que tem muitas utilidades para as atividades de um povo, o Pajé e a Cacique são o trançado da cultura que dão equilíbrio a vida do povo, com seus exemplos de vida.

Sobre a atuação da Cacique e do Pajé e o modo como a vivência comunitária tem estado presente no dia-a-dia do povo Potyguara abordaremos nos textos a seguir.

⁸ URU - Espécie de cesto, feito de cipó com a finalidade de transportar alimentos da roça para casa

A CACIQUE

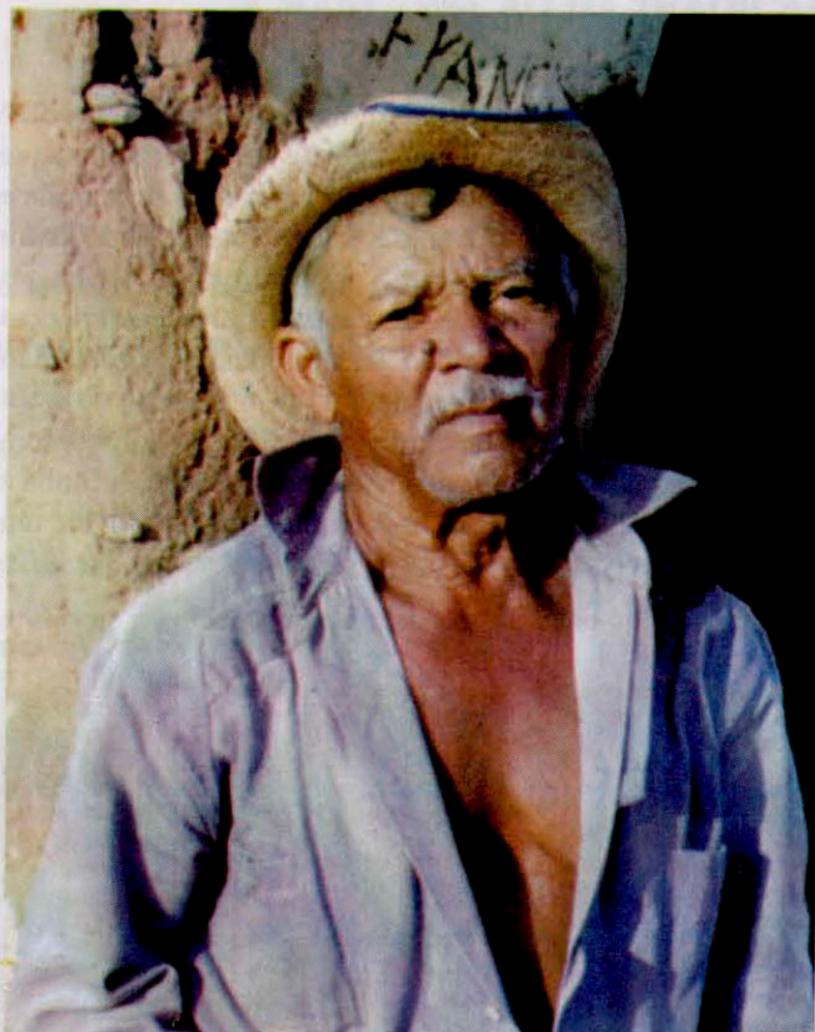
A nossa Cacique Tonha, desenvolve um trabalho muito importante na comunidade pois é ela, que chama o povo para as reuniões e trabalhos em mutirões, além de participar ativamente de todos os trabalhos realizados pela comunidade de Mundo Novo. Ela é muito brincalhona e querida. As crianças da comunidade e os adultos respeitam muito a Cacique pois quando fazem algo que desagrada, para o bem da comunidade, ela chama a atenção através de longas conversas, para que estes acertem o caminho do bem. Ela, às vezes, reclama das crianças chamando-as de macacos, e os pais dessas crianças ficam rindo, mas ela também chama todo mundo de macaco.

Cria muitas galinhas e vende os ovos para toda a comunidade POTYGUARA. Mora sozinha numa casa de taipa, bem perto da casa do seu irmão e também do cacimbão. A Tonha é POTYGUARA do tempo do fogueteiro. Seu pai sabia jogar os nove pontos do jucá. Ele era um caceteiro POTYGUARA.

Tereza



A Cacique Tonha sendo homenageada pela tribo Tabajara



O Pajé Darico

das ervas do mato que servem de remédio e as que podem até matar as pessoas. As que servem para a gripe e como vitamina são: angico, bálsamo, jatobá, maria preta, quebra-pedra, jenipapo, e as ervas que matam: maria da costa, maniçoba, angico, louco, tamiarana e mucunã.

O Pajé conhece a história de antigamente, como a dos malvados que matavam índios e como viviam os amigos POTYGUARA.

O Pajé também sabe o jogo do cacete e está ensinando à criançada e aos adolescentes do lugar.

O PAJÉ

O Pajé, o Senhor Darico, nasceu em 1925 e tem hoje setenta e cinco anos. Na nossa comunidade ele é respeitado por todos nós. Ele sabe das orações que dão força, das experiências de chuva, como: o choro da catingueira, ninho da maria de barro, jitirana de boi, feijão bravo, o canto da peitica e muitos outros.

Tem profundo conhecimento dos tipos de abelhas e bichos que há no mato como: breu, zamboque, jati, arapué, mangagá e de bichos: preá-mocó, sabiá, rabudo, guaxinim, furão e jirita entre outros. Ele também sabe

A LUTA PELA ESCOLA DIFERENCIADA

Fazia alguns dias que nós Potyguara nos preparávamos a fim de decidir a não existência da escola municipal que durou alguns anos, aqui em nossa comunidade, mas não coincidia com a nossa realidade cultural.

A partir do dia trinta e um de janeiro até dezesseis de fevereiro de dois mil a comunidade, em peso, sentiu sua força vindo da terra e resolveu dispensar a escola municipal que era dirigida pelo senhor José Pereira da Silva (Zé Mano). Vale ressaltar que Zé Mano só sabe escrever seu nome e, além do mais, não tem nenhum vínculo conosco, o que facilitou, ainda mais, sua retirada do nosso meio.

Assim, toda a comunidade, a partir das onze horas e trinta minutos daquele dia, estava reunida no colégio municipal que fica na nossa área. Eram dois os objetivos: estudar e ocupar o lugar dos professores municipais, uma labuta que durou dezesseis dias. O Zé Mano, ex-diretor do grupo escolar teve que sair, porque não tinha mais alunos, uma vez que todos os pais matricularam seus filhos na escola indígena Potyguara, povo caceteiro. Como Zé Mano, só tinha como alunos seus filhos mais outros dois meninos, foi dar aula em sua própria casa localizada fora de nossa área.

Mesmo enfrentando diversos obstáculos, como não ter merenda para as crianças, a resistência por parte do Zé Mano, em ficar aqui, e o reforço dado pela Secretaria de Educação do Município em deixar permanecer a escola municipal em nossa comunidade, conseguimos implantar a Escola Diferenciada, baseados na Constituição de 1988 e na Atual LDB. Conseguimos porque queremos para o nosso povo uma educação de qualidade partindo da nossa realidade e, para isso, temos bons professores aqui como: Tereza, Sibá, Culica, Cidalva e Emiliana e mais os velhos sábios: Darico, Madalena, Tonha e outros.

Viva nossa União
Produção coletiva

O DIA A DIA DOS POTYGUARA

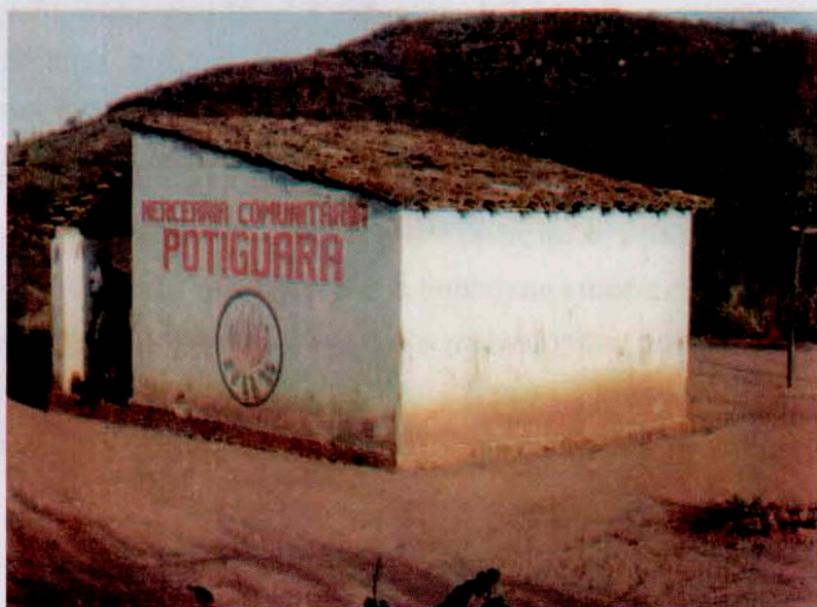


A mulher potyguara tirando água no cacimão

O trabalho em mutirão para construção da mercearia comunitária POTYGUARA continua. Segunda-feira, dia 13 de setembro de 1999, começamos o trabalho em mutirão: os homens cavando barro, as mulheres carregando água. Foi toda tarde, havia oito carregadoras d' água e oito cavadores

de barro, arrumando o ambiente para, no próximo dia 14, colocar o tijolo batido. O sol era quente que tinha e o vento ajudava a refrescar o calor. Às 16h30min foi dado por encerrado essa parte. As mulheres além de deixarem o barro todo molhado ainda deixavam um tambor cheio d' água para o próximo dia.

No dia 14 de setembro de 1999, segundo dia de trabalho em mutirão, às seis da manhã, já havia homens no local de trabalho, batendo tijolos. Eram os batedores de tijolos e os carregadores de barro amassado. Uns amassavam o barro e outros arrumavam o ambiente e cavavam o barro. As mulheres carregavam água. Eram sete nesta tarefa e, num certo momento, chegando todas juntas aos locais dos



Mercearia Comunitária Potyguara

cacimbões, cada uma colocou um balde para os animais que estavam à beira destes.

Tonha, a Cacique, Chica a delegada sindical, Marlúcia, Fafá e Adriana acharam por bem colocar açúcar na farinha para elas e os homens quebrarem o jejum. Foi muito boa a iniciativa delas.

Por volta de dez horas terminou a tarefa das mulheres e os homens continuaram até onze, conseguindo fazer tijolos, tudo na parte da manhã.

À tarde continuou o trabalho e por volta de dezesseis e trinta, foi concluído o segundo dia de trabalho e foi completado 2.800 tijolos, ainda no terceiro dia foram feitos 1.200 tijolos. Foram três dias de trabalho em mutirão com muito animação que cada vez mais, sensibilizou toda a comunidade. Não somos uma comunidade perfeita, mas estamos tentando melhorar. Viva nós POTYGUARA.

O QUEBRA JEJUM

Sabemos que saco seco não se põe em pé e nem índio com fome trabalha.

Aposentados e professores estão pagando o quebra jejum das pessoas envolvidas no mutirão da bodega comunitária que está sendo construída. As mercadorias já estão sendo vendidas e até compramos o quebra jejum na própria bodega.

Os aposentados e professores acharam por bem ajudar também no quebra jejum, por saber que os outros têm mais dificuldades para pegar em dinheiro. Eles compraram rapadura, bolacha e as mulheres que não são aposentadas prepararam pão de milho e farinha de pipoca para ajudar também.

Isso mostra que a nossa comunidade está unindo as forças e buscando soluções para os problemas.

Com a construção desta bodega, além do lucro ficar na própria comunidade, ainda traz benefícios para o povo que terá mais um local para encontros, debates e discussões.

A INAUGURAÇÃO DA BODEGA COMUNITÁRIA

No dia 25 de outubro de 1999, nós já estávamos nos preparando para a inauguração da bodega. Esse dia foi muito importante para nós, povo POTYUGUARA, porque reunimos a comunidade inteira e dividimos as tarefas de fazer comida, botar água, varrer a bodega. Naquele dia, nós os professores e professoras estávamos reunidos no colégio em um encontro.

O encontro terminou ao meio dia e fomos todos almoçar na bodega. Tinha gente de Monsenhor Tabosa, Jacinto, Crateús, Poranga, Olho D' Água dos Canutos. Quando terminou o almoço teve uma apresentação do Hector, falando sobre o Santo Diego que é o protetor da nossa bodega. A Teka agradeceu aos participantes e as moças cantaram uma música agradecendo a presença de todos.

Culica



A bodega foi inaugurada com muita festa pela Comunidade e convidados

ALEGRIA DOS POTYGUARA

O povo POTYGUARA é alegre, gosta de ajudar os outros. Quando tem alguém doente, todos ajudam. Uns colocam água na casa do doente, outros colocam lenha, outros vão fazer compras na rua, outros fazem comida e lavam a roupa e até limpam o roçado da pessoa doente. Levam, ainda, o doente na rede até o pé da ladeira para ser conduzido e tratado na cidade. Quando morre alguém da vizinhança, todos vão à sentinela (velório).

Os POTYGUARA também gostam de mangar dos outros, de achar os outros bonitos, de achar os outros feios, de andar juntos de conversar das coisas dos outros.

LEIS CRIADAS PELA COMUNIDADE POTYGUARA

LEI ORGÂNICA DOS POTYGUARA

Às dez horas do dia 15 de dezembro de 1999, os nove trabalhadores dos bolsões da seca dos POTYGUARA da comunidade de Mundo Novo se colocaram como legisladores, criando uma lei para ser cumprida por eles mesmos, com os seguintes artigos:

- Art. 1º Se algum dos nove sair para prestar outra atividade, deve deixar uma outra pessoa no seu lugar.
- Art. 2º Não se deve escolher serviços no expediente de trabalho.
- Art. 3º Ninguém deve se escorar em ninguém.
- Art. 4º Faltando um não vai ninguém, só trabalha todos juntos.
- Art. 6º Quem criar animais, ou plantar, tem que ajudar a fazer a cerca.
- Art. 7º Todos devem participar de uma cota para comprar cimento para fazer uma caixa para dar água aos animais.
- Art. 8º Ajudar a pagar o INCRA.
- Art. 9º Os cinco sacos de cal serão divididos entre os nove.
- Art. 10º Não permitir a entrada de bebidas alcóolicas.
- Art. 11º Não é permitido o casamento entre primos carnais.

Esta lei entrou em vigor no dia 15 de dezembro de 1999, às dez horas no local de serviço dos cacimbões e vai vigorar até terminar o serviço.

Mundo Novo, 15 dezembro de 1999.

Trabalhadores da Emergência da Seca são:

Antônio Pereira do Nascimento, Francisco José da Costa, Francisco Venancio de Souza, Francisco Alves do Nascimento, Antônio Fernando do Nascimento, Raimundo Miranda do Nascimento, Sebastião Alves Nascimento, Noberto Maciel de Sá, Francisco Pergentino Gomes.

SAÚDE

A saúde do ser humano depende de muitos fatores. Fatores genéticos, biológicos, nutricionais, sociais, culturais e tudo isso dentro de um contexto político local, regional, nacional e cada vez mais global. Alguns fatores têm um papel determinante muito mais forte na saúde do nosso povo POTYGUARA. São aqueles que influenciam a propagação de doenças, por exemplo, a invasão das nossas terras que tradicionalmente ocupávamos, invasão da nossa consciência com politicagem na época de eleições, troca desigual dos produtos POTYGUARA por mercadorias dos comerciantes.

Exemplo: 32 litros de milho, para comprar um quilo de carne de gado. Um litro de milho = 0,125 (centavos) e um quilo de carne = R\$ 4,00. Isso no dia 01.09.99, o milho e carne era o preço que está constando acima mencionado. Entendendo a especialidade do nosso povo POTYGUARA, é necessário considerar antes de pensar em qualquer ação na área de saúde. Quando falamos em "saúde POTYGUARA" estamos falando de um grupo diferenciado em todos os sentidos.

Os fatores políticos nacionais de exploração e a integração das populações indígenas, desde a chegada dos portugueses nesta terra, têm determinado o adoecimento da terra e da sua população nativa. Nós POTYGUARA estamos incluídos neste contexto. Essas agressões variam em tempo e espaço, mas continuam, até hoje, a trazer suas conseqüências de morte e doenças. Além desses fatores mais "externos", o nosso povo POTYGUARA é distinto em relação a sua resposta física ao desafio da doença, determinado por uma imunidade. A imunidade é determinada em grande parte pela genética da pessoa. A informação passada de mãe e pai para seus filhos determinam os aspectos físicos como, cor de cabelo, olhos, tipos de sangue, etc. Essa informação genética está carregada em fios de proteínas chamadas cromossomos, que residem dentro de cada célula do nosso corpo.

Numa população que não foi quase misturada como é o no nosso caso, cada pessoa tem um perfil genético muito semelhante a outra e isto determina as características físicas que os identificam, representando um valor importante na manutenção da identidade do nosso povo.

Assim, na população POTYGUARA existe uma homogeneidade genética mais

generalizada e profunda porque tem pouca mistura com outros povos.

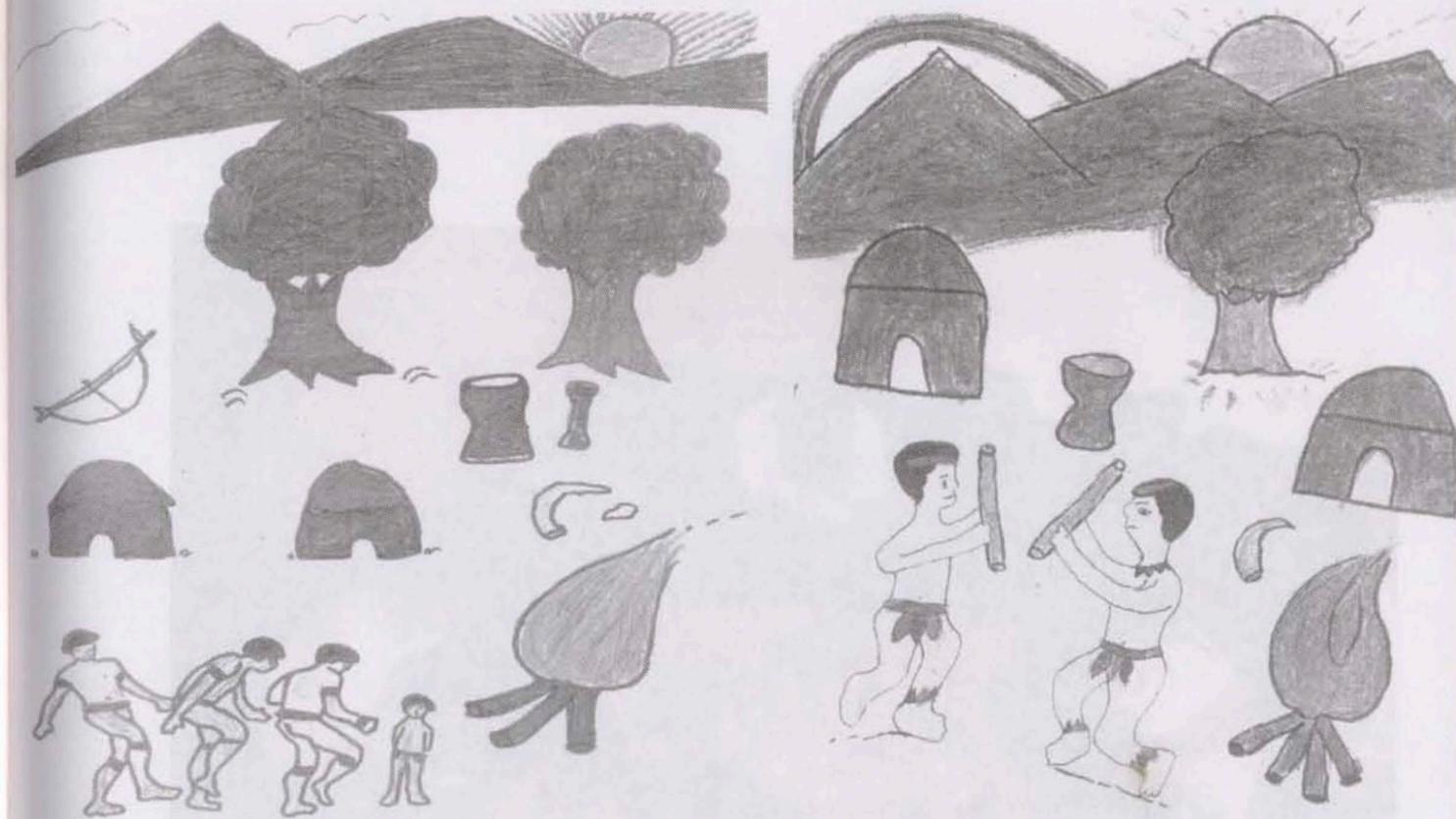
A nossa baixa imunidade faz com que não sejamos resistentes a doenças como a gripe, o sarampo entre outras. Quando uma pessoa pega uma dessas doenças todas as outras pegam. Uma população desenvolve um sistema imunológico para combater as doenças historicamente mais comuns, e assim com o tempo desenvolverá resistência às doenças o que, ainda, não é o nosso caso.

Conhecer a vulnerabilidade genética/biológica do POTYGUARA é defendê-lo dos impactos mais devastadores da sociedade envolvente, dando-lhes tempo para desenvolver sua capacidade física e genética (imunológico social e cultural).

A todas as práticas relacionadas com a promoção e recuperação da saúde, com origem na tradição dos antepassados, chamamos de Sistema Tradicional de Saúde. Inclui o conhecimento sobre plantas medicinais como mamona (azeite) matruz, raiz de musambê, raiz de corama, casca de angico, bálsamo dentre outros e tratamentos naturais, água, terra, animais, trabalho de pajés, curadores, rezadores e parteiras, cuidado com as crianças e o meio ambiente.

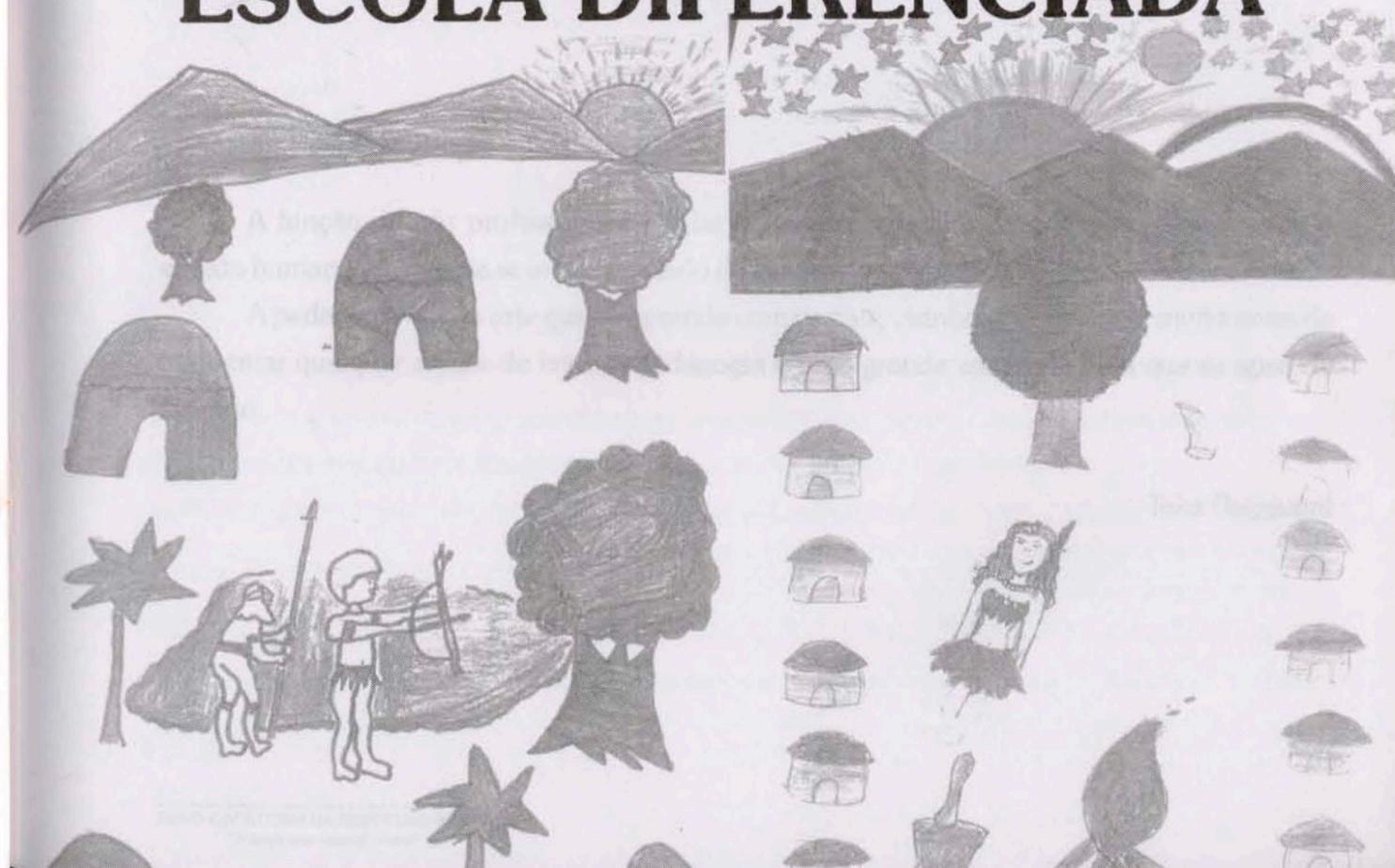
"Esta medicina tradicional é muito rica e é reconhecida como um dos maiores reservatórios de conhecimento capazes de ajudar o homem a enfrentar as péssimas condições de saúde em que vive".

Os pajés, curadores, benzedores e parteiras daqui e da região são excelentes conhecedores dos símbolos e da natureza do seu mundo. O uso de plantas medicinais é uma prática que já vem desde a antigüidade. É uma sabedoria passada de pais para filhos, tornando-se, assim, grande fator de existência, a vida e poder curativo que fazem a cultura se defender. Nós POTYGUARA acreditamos muito na cura dos pajés, benzedores, parteiros e rezadores.



CAPÍTULO II

ESCOLA DIFERENCIADA



CAPÍTULO II

ESCOLA DIFERENCIADA



Os alunos na aula prática sobre plantas medicinais na Comunidade Mundo Novo.

A função de nós professores é revelar o sentido e o valor da pedagogia, mostrando o enredo humano em que ela se revela partindo da cultura do povo.

A pedagogia é uma arte que se aprende com os pais, vizinhos e sociedade, muito antes de frequentar qualquer escola de letra. A pedagogia é uma grande escola da vida que se aprende fazendo.

Teka Potyguara



ORAÇÃO INDÍGENA POTYGUARA

Nós POTYGUARA, acreditamos em Deus, na lua, estrelas, sol, chuva relâmpado, vento, terra trovões e toda atmosfera Sabemos que não podemos falar bobagens na hora que estiver chovendo e trovejando. Sabemos que existe a lei da terra, assim como existe a lei de Deus. Sabemos também que os mais velhos devem ser respeitados, assim como eles respeitam os mais novos. A nossa sabedoria vem da sabedoria dos mais velhos que sabem ciência. Somos povo do fogo. Vivemos da força da terra, mata, sol, lua e água. Somos filho da terra, irmã da água. Nossa força vem da energia da terra, por isso somos unidos.

Teka POTYGUARA

EDUCAÇÃO DIFERENCIADA

Na pedagogia indígena, aprende-se a viver a vida de cada dia, adquirindo os conhecimentos que precisa para toda a vida. Esses conhecimentos são aprendidos com os pais, avós, tios, mãe e a comunidade pelo exemplo e pela experimentação.

A tradição cultural dos antepassados é um valor fundamental e base do trabalho pedagógico. Preserva-se a tradição da oralidade, gestos simbólicos, crenças e religião valoriza-se o trabalho com meio educativo e como base da vida, do grupo e o valor fundamental do território e obras da natureza. Nela é afirmado constantemente: **aprende-se a conhecer, conviver, relacionar e respeitar a roupagem do território e a natureza.**

Outro fator importante na pedagogia indígena, é a alegria de viver e o prazer pelo o que é feito e aprendido e ensinado por todos. A criança indígena participa ativamente e de maneira integrada da vida da comunidade em todos os seus momentos, incluindo tanto as festas, rituais, como as atividades produtivas de trabalho como: caça, pesca, coleta de frutos silvestres, colheita nos roçados, artes, fabricação de colar, arco, flecha, cestaria e esteiras em geral. Esse acompanhar à vida do povo é parte essencial do processo de formação na educação escolar indígena.

O método de ensinar os alunos são os professores que vão procurar. Eles têm que observar como seus alunos aprendem melhor. O professor deve estar voltado para atividades práticas. Se ele não domina essas atividades pede ajuda a quem domina. Por exemplo, na aula de



Jogo do cacete - Tradição do povo Potyguara

ciências não deve constar só o que o professor lê nos livros, mas chamar alguém da comunidade para ajudar a estudar as plantas medicinais. Pedir ajuda da comunidade nas aulas é muito importante.

Também é importante trabalhar na sala de aula com arte: jogo de cacete, artesanato... Alguém da comunidade que sabe mexer com isso deve vir e ensinar. Nesse caso, o professor aprende junto com os alunos. Assim, trazer pessoas para contar mitos, história dos antepassados, mistérios da natureza, língua, linguajar⁹, linguagem, cultura, possibilita que os alunos tenham

⁹ Linguajar

aulas teóricas e práticas.

Desta forma, o aluno não perde a sua cultura e o professor procura se integrar à comunidade. Ensina com os livros, mas baseado na realidade de seu lugar e de cada povo. É importante que crie os textos e livros juntamente com sua comunidade e com seu povo.

O trabalho de educação indígena diferenciada é o entendimento e a afirmação de que tem existido historicamente formas próprias de educação e de que a pedagogia indígena constitui um valor fundamental, que deve também orientar os trabalhos escolares, o que por outro lado, pode trazer valiosas contribuições para a superação de questões enfrentadas pela escola brasileira.

Entendemos educação como todo conhecimento que uma comunidade possui e que é de domínio de todos, transmitido de pais para filhos e necessário para se viver bem.

Neste sentido, educação não é o mesmo que escola. É o processo através do qual toda pessoa aprende a viver. Essa aprendizagem se dá na família, na comunidade local e se estende ao povo Potyguara da Serra das Matas.

Nesse processo, a educação escolar ao surgir e se desenvolver enquanto novo espaço e tempo educativo, necessariamente, deve basear-se nos princípios de aprendizagem dos povos indígenas, conforme garante a Constituição do Brasil (1988) para se acrescentar outros conhecimentos necessários à vida atual.



Escola diferenciada Potyguara trabalha a problemática ambiental da comunidade.

A família extensa, nuclear ou povo são os responsáveis pela educação dos filhos. É na família que se aprende a viver bem: ser um bom caçador, pescador, agricultor, coletor, artesão; um bom marido, uma boa esposa, um bom filho, um membro solidário e hospitaleiro da comunidade. Aprende-se a fazer roçado, plantar, fazer farinha, fazer cestaria, panelas, potes, olarias e cuidar da saúde, benzer, curar doentes conhecer as plantas medicinais; aprender as obras e mistérios da natureza, aprende-se a geografia da mata local, regional, das serras, a matemática, e ainda a fazer para fixar cestos, potes, pinturas corporais entre outras.

Não existe sistema de reprovação ou seleção.

Na escola diferenciada os conhecimentos específicos como o dos benzedores e das parteiras estão a serviço e ao alcance de todos, contribuindo para que não tenha na comunidade crianças órfãs e abandonadas, pessoas passando fome, mendigos, velhos esquecidos, roubos, violência... todos são professores e alunos ao mesmo tempo.

Desde 1965 existe uma escola na comunidade Mundo Novo para o povo Potyguara, porém, essa escola foi organizada no modelo da escola da sociedade envolvente que não correspondia aos interesses e nem contemplava a cultura dos Potyguara.

Foi a partir desta realidade, que nós nos reunimos e organizamos uma outra escola assegurada pela legislação atual - uma escola diferenciada. Nessa escola todos os professores tem um trabalho interligado, sendo os verdadeiros mestres os mais velhos.

O nosso currículo é construído a partir dos principais acontecimentos da comunidade. Podemos trabalhar o tema **colheita** (o que é colhido no roçado), **coleta** (o que é coletado no mato) e a partir daí, trabalhamos a geografia, história, ciências, matemática, linguagem, artes e obras da natureza, tudo tirado do tema escolhido pela comunidade. Esta metodologia de ensino se divide em momentos como:

1. Pesquisa, identificação das raízes, memória histórica.
2. Levantamento da prática, incentivação da escrita dos conhecimentos adquiridos.
3. Levantamento das dificuldades - ver como todos tem realizam o trabalho e mediante as dificuldades tentar uma superação.
4. Aprofundamento e avaliação dos trabalhos.

A proposta do ensino da comunidade indígena Potyguara está voltada para a conscientização e conhecimento de que o Brasil é um país pluricultural e de que a escola foi, ao longo dos tempos, um dos principais instrumentos usados para descaracterizar e desvalorizar a cultura indígena, mas pode vir a ser hoje, um instrumento de conscientização, ajudando na afirmação das identidades indígenas e cultura de cada povo.

Os trabalhos da nossa comunidade são desenvolvidos na coletividade: cerca, estrada, cacimbões, roçados, que servirão na construção dos conteúdos a serem estudados na escola. A partir da experiência cotidiana os alunos vão construindo seus próprios conhecimentos. Isso é a cara atualmente da nossa escola Potyguara. Aprende-se fazendo neste livro há vários textos que foram produzidos por alunos, professores e lideranças da comunidade que com a intenção de sistematizar os conhecimentos buscam construir um trabalho coletivo da vida cotidiana.

Através da escola indígena, os POTYGUARA estão transformando coletivamente a educação escolar em instrumento de redescoberta de sua história de reafirmação da tradição cultural, segundo afirma o Senhor Calixto da comunidade Tremembé: "a escola é o fruto da luta, e reforça a luta indígena".

Produções dos alunos e professores em seu processo de formação retratam o momento em que a escola aborda, temas significativos da vida cotidiana do grupo.

O resultado, ainda que modesto em suas pretensões, revela as diferenças da cultura local, ensaio que desperta para questões contemporâneas como a identidade, etnia, auto estima e a procura por espaços sociais de representação política.

Os trabalhos foram elaborados pelos próprios índios, alunos, professores de diferentes turmas e turnos e membros da comunidade a partir de pesquisas, encontros e discussões oficiais num exercício conjunto de escrita de textos, poemas, canções elaborados dentro da própria escola ou fora dela e contando com a articulação entre os diversos segmentos do povo POTYGUARA.

Professoras Teka Potyguara e Culica

A INDEPENDÊNCIA

Nós índios PO TYGUARA,
Aprendemos na escola da vida
Temos cultura, temos crença
Poderemos juntos formar a independência
Somos nação diferenciada

Somos índios, somos gente
Não somos povos selvagens
Do idioma POTYGUARA
Somos povos civilizados.

Cada pessoa, cada povo
Juntos formam uma nação
Patriotas nós somos e
Sabemos cumprir bem a obrigação.

Toda pesso
a brasileira
Tem direitos e deveres
Nós índios bem sabemos
Nós somos brasileiros

Essa situação pode ser mudada
Temos toda liberdade
Eu pergunto ao POTYGUARA
O que é liberdade?

É saber respeitar e ser respeitado
É saber ouvir e ser ouvido
É saber ajudar e ser ajudado
É querer lutar e ser alguém

O índio traz consigo
Seus costumes, tradições e culturas
Somos índios estudados
Poderemos ser assalariados
Até mesmo advogado.

Nessa terra há pessoa mercenária
Nossa terra, nossa vida
Outro Brasil que vem
A Independência de um novo Brasil

Milhares de vidas indígenas
Podem contribuir
E para isso...
É preciso liberdade!

*Verso de independência Criada pela
professora POTYGUARA Sibá*

Mundo Novo, 31.01.2000

HISTÓRIA DE CATIVEIRO NO SERTÃO CEARENSE

A memória local identifica vários lugares na região tidos como cativeiros, entre eles temas:

Campo nobre Tamboril - Casa de cativo - Zé Felipe

Jacinto Monsenhor Tabosa - Casa de cativo - Zé Felipe

Tamboril - Dona branca - mulher rica (Coronela)

Inhamuns - Coronel Feitosa - cativo - POTYGUARA foram escravos cativos deste coronel

Tamboril - Luzia da Pintada (mulher rica)

Ipu - cativo - Coronel Marinho (história do Pirão)

- A história do Pirão é o seguinte. Naquele dia o Coronel Marinho havia matado uma vaca para dar comida aos trabalhadores cativos e, no meio daqueles cativos, havia um que gostava de falar brincadeiras. Então ai disse uma quando iam saindo para o trabalho. Passava uma escrava com carne para ser colocada no fogo e ele falou:

- Mulher, bota muito óleo na carne para fazer um pirão bem gostoso pro almoço. A escrava não falou nada. Nós estávamos chegando e o Coronel Marinho perguntou:

- O que ele falou para ti? A escrava não disse nada! Mas o Marinho insistiu até que a escrava falou o ocorrido.

O Coronel, então, mandou separar uma medida de farinha (10 litros) e quando chegaram os trabalhadores o Coronel mandou apanhar o óleo por cima do tacho, fez o pirão da medida da farinha, cobriu de carne e mandou o escravo que havia falado a brincadeira sentar e comer toda comida. O Coronel chamou dois capangas cada um ficando de um lado do escravo, olhando para o pobre coitado, que não fugiu. Ele comeu, e quando o Coronel descuidou-se o escravo correu e pulou no colo da mulher do Coronel que estava fazendo crochê na cozinha. Ela mandou ele correr em direção a casa do Coronel Mateus que era mais respeitado que o Coronel Marinho. Quando o Marinho chegou à sala onde estavam almoçando perguntou. Cadê o Tapuia?

Saiu, disse os capangas. Marinho foi na cozinha e sua mulher falou que ele havia ido para o cativo do Coronel Mateus a seu mandado. Marinho estrumou os cachorros, mas não foi o suficiente para pega-lo.

História contado pelos alunos

Raimundo Miranda Norberto Maciel (Balacó)

Antonio Pereira (Ficante)

Francisca Pereira (Pinote)

Transcrita pela Teka

EXPERIÊNCIA DE CHUVA DOS POTYGYARA

A chuva é uma preocupação constante do nosso povo, já que dependemos da agricultura para a nossa sobrevivência. Assim, ao longo dos anos, convivemos com várias experiências na tentativa de descobrir a possibilidade de um bom inverno. Essas experiências vêm sendo desenvolvidas de geração em geração. Vejamos algumas das experiências que consideramos importantes: feijão bravo, quando flora antes do inverno, é sinal de chuva. Ninho de Maria de Barro, época em que ela constroe sua casa com a porta virada pro nascente, é seca na certa. Ritirana-de-boi, tem uma função de que quando é inverno, ela fica bem frondosa, e quando é seca, ela não fronda (cresce).

Feijão de pombinha, nas primeiras chuvas nasce, cresce e carrega muito, então todos nós sabemos que vamos ter muita fartura.

Quando a peitica canta no início do mês de janeiro, o Pajé diz que o inverno é cedo. Formiga de asa, quando voa, é sinal de chuva. Quando está perto de chuva, os sapos ficam na boca dos buracos.

Quando as borboletas voam de cima para baixo é sinal de chuva. O sol nasce vermelho, não haverá chuva nesse período.

Quando a barra do natal toma conta da nascente até o sul, o inverno é bom.

Quando o ano é bissexto, o inverno é fraco.

Aluna da noite
Emiliana



As crianças aprendem com os mais velhos

O DIA A DIA DOS NOSSOS PAIS



Toinha e Pititi Potyguara

continuar o trabalho com os filhos. Às quatro horas chega em casa, vindo do roçado, e vai tomar banho, janta e alguns ainda estudam a noite.

Uma outra coisa importante para os Potyguara é a bodega comunitária, um ponto de conversa onde se planeja os acontecimentos da comunidade como: amanhã vamos todos fazer cerca; ajeitar as estradas... Todos já saem de lá sabendo o que vão fazer no dia seguinte.

História contada pela professora Indígena

Sibá



Madalena Parteira

Em tempo de inverno, os nossos pais levantam muito cedo para ir ao roçado, mas antes de sair botam lenha para cozinhar a comida.

O pai sai junto com os filhos maiores para trabalhar na roça.

A mãe fica em casa cuidando dos mais novos, da casa e do almoço.

Quando o pai chega do roçado o almoço já está pronto, almoça e demora uma hora para voltar ao roçado e

O BOLSÃO DA SECA DE 1999

Frete de serviço da seca

Fazia alguns dias que nós POTYGUARA estávamos querendo emprego no programa de emergência. Até hoje, só chegou para Monsenhor Tabosa 728 vagas; para uma população de 15.449 habitantes. Se trabalha um mês para ganhar R\$ 68.00, se fizer toda tarefa mandada pelo governo.

Na comunidade de Mundo Novo, só conseguimos sete vagas mas existem 10 pais de família necessitados.

Foi muito duro para conseguir essas vagas, passamos um dia todinho lá mas ficaram o Beto e Fernando sem o emprego. Éta vida dura! os políticos ainda estavam fazendo politicagem, dando saco de biscoito e suco.



Os Potyguara no mutirão do Bolsão da Seca

15 DE OUTUBRO, DIA DO PROFESSOR

Hoje, dia 15 de outubro de 1999 é o dia do professor

Cara amiga Teka,

Estou lhe parabenizando pelo dia do professor. Que esta data seja muito importante para você, que é professora. Lhe admiro muito pela sua coragem de ser professora e porque vive trabalhando por uma vida melhor.

Você é uma pessoa que ajuda os amigos, e não quer as coisas só para você. Sim, esse seu trabalho está muito importante aqui na nossa comunidade, tanto como professora tanto quanto prestando serviço no lugar.

Hoje é o dia do professor e por isso comemoramos com alegria, desejando tudo de bom através da poesia.

Agradece atentiosamente,

Aluna Culica
Abraço / Teka

CARTA DA ALUNA CULICA

Mundo Novo, 25 de agosto de 1999.

Boa noite, felicidade
Primeiro de tudo, quero dizer que estou adorando esta escola,
Porque estou aprendendo muitas coisas boas
Que eu não sabia e hoje estou sabendo
Esta escola está me ajudando muito
Estou aprendendo mais
Sobre a questão dos três poderes
E também sobre o Brasil 500
Também a história desse lugar,
Do antepassado até hoje.
Para mim está maravilhoso

Abraço! Culica

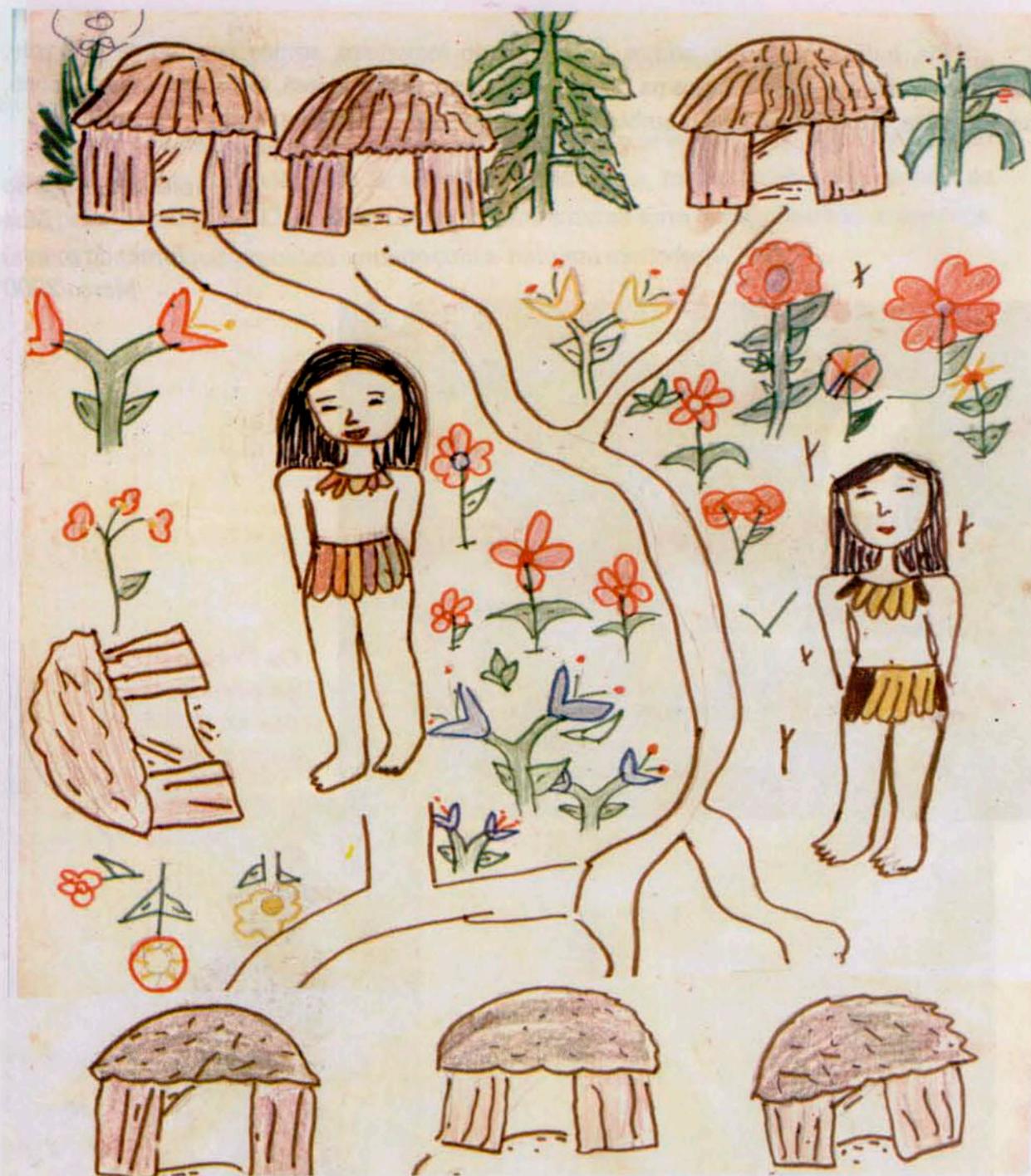


Mulheres Potyguara na escola

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - USP
BIBLIOTECA

POVO CACETEIRO DA SERRA DAS MATAS
"A força que vem da terra"

COMO VIVE A NOSSA COMUNIDADE



Nós, que vivemos na comunidade Mundo Novo, vivemos em grupo há muitos anos.
Somos um povo POTYGUARA que ainda tem sua cultura, costumes e tradições. Vivemos trabalhando na roça para tirar nosso sustento. Também fazemos coleta das frutas que existem na mata, como: colé, juá, imburana, coquim, ameixa, fruta-de-xiquexique, canapum, melancia da praia, maxixe, camboim, chumbim, melão, maracujá e outras.

História contada pela Profª Sibá

POVO CACETEIRO DA SERRA DAS MATAS
"A força que vem da terra"

OS POTYGUARA

Nós, índios Potyguara, somos do tempo do fogueteiro, somos uma gente diferente, comemos frutas que encontramos na mata e caça como: rabudo, preá, juriti, tejo, rainha, mocó, nambu, vaca, peba, porco, tatu, mambira, casca-virina, gato-do-mato e veado.

Professora indígena
Sibá
Turma da manhã
Março/2000



**Os Potyguara
no preparo
das armadilhas
para a caça**

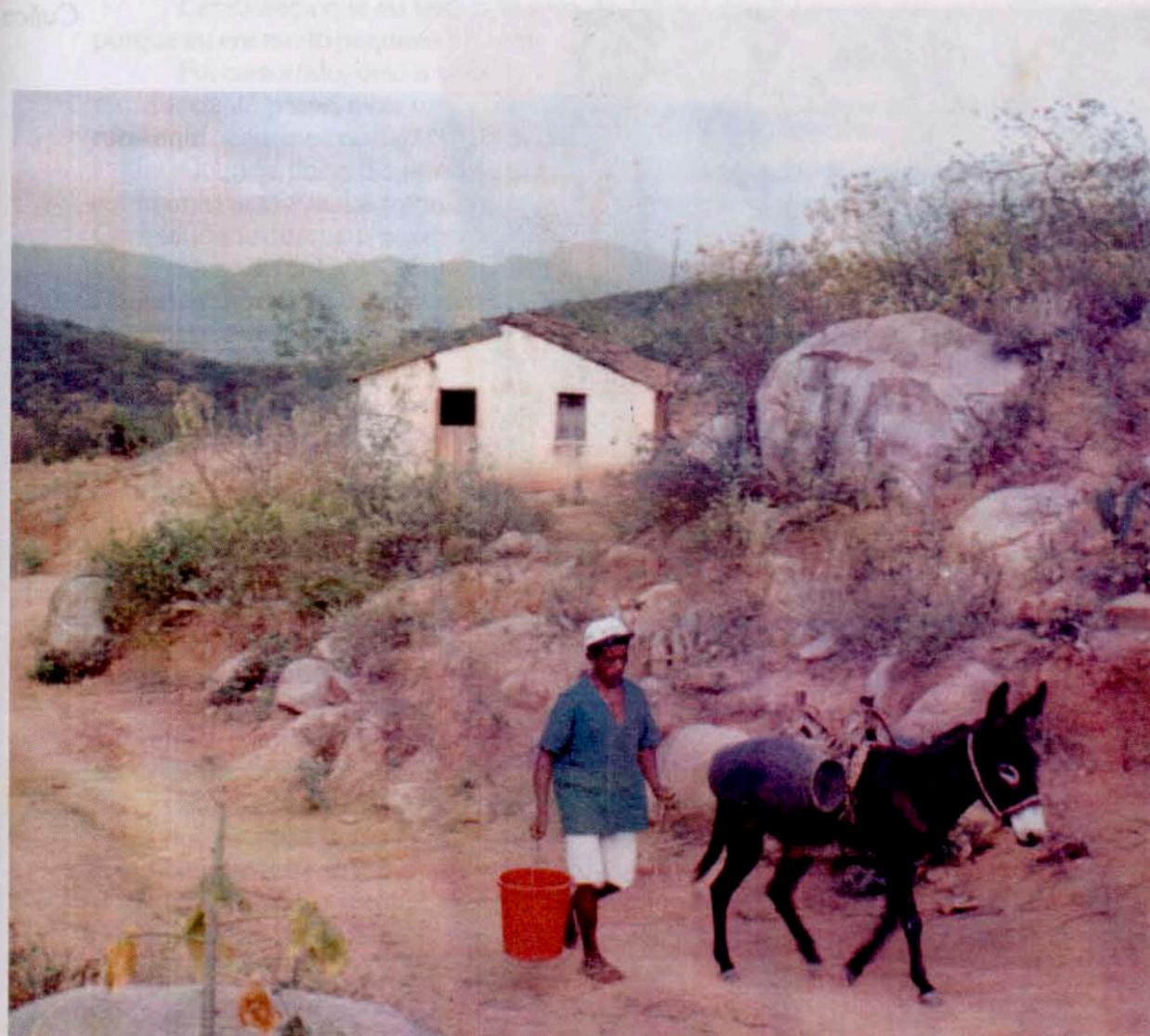


TEMPO DE SECA

Na época de seca, nossos pais de família sofrem muito por causa da falta de comida para os seus filhos.

Eles têm que esperar pela vontade das autoridades para se empregar no bolsão, enquanto não chegam serviços para eles, eles se viram colhendo frutas, raízes, batatas que servem de alimento para os seus filhos. O problema é que moramos numa serra onde quase não existe caça. Nossa salva guarda é que temos um contato com a natureza muito forte.

Professora, Sibá, turma da manhã
Março/2000



Na seca os Potyguara caminham algumas léguas a procura d'água

ENTREVISTA

1. Sibá: A família como vai?
2. Culica: Vai mal!
1. Sibá: Por que?
2. Culica: Porque falta alimento, saúde, emprego, salário, justiça
1. Sibá: O que fazer para ter tudo isso?
2. Culica: A família deve se unir buscar seus direitos se organizar em Associação delegacia sindical
1. Sibá: Como vai as famílias de sua comunidade?
2. Culica: Ah, as famílias na nossa comunidade vai bem, sabe por quê? Temos delegacia sindical, associação, grupo de crismando, catequese, temos bodega comunitária, celebração todos os domingos, temos escola indígena diferenciada para jovens, crianças e adultos.



Culica

**As mulheres
numa conversa
fiando algodão**

MENSAGEM

Hoje, nesse encontro de família, desejamos toda alegria cristã.

Procuramos descobrir na comunidade organizações para todas as famílias para que se sintam chamadas por Jesus. Para celebrar o grande valor da dignidade da pessoa humana, as famílias dessa comunidade são iluminadas por Deus. São capazes de ajudar os vizinhos de sua comunidade. Um povo a serviço do poder é contra a violência. Ajuda as famílias quando estão necessitados e doentes. Que hoje as famílias possam cultivar o amor, voltando para casa com o coração descansado, levando dignidade humana e paz.

Culica e Cidalva
19.03.2000

HISTÓRIA DE MIM "CHICA PINOTE"

Nasci em junho de 1953, filha de José Venceslau das Virgens e de Francisca Pereira da Luz.

Lembrança que eu tenho da seca de 1958 é que foi a seca que mais marcou minha vida porque eu era muito pequena e a fome me doía dentro.

Fui crescendo, veio a seca de 70. Como eu já era grande sofri muito, mas não foi como a outra seca. Já passei mais um monte de seca e sempre trabalhando na roça como trabalhadora rural aqui nesse mesmo lugar chamado de Mundo Novo.

Quando tinha 32 anos fui para São Paulo para trabalhar de doméstica para ver se o sofrimento acabava. Lá trabalhei um ano e cinco meses, mas aí foi que o sofrimento aumentou. Com saudade dos meus parentes, voltei novamente para meu lugar para enfrentar a luta da roça.

Quando tinha 36 anos encontrei um companheiro e me casei, no ano de 1990. Tive três filhos mas morreram dois e fiquei só com um. Estou enfrentando a vida para poder criar meu filho, trabalhando na roça e o meu marido até hoje continua aqui junto com meu povo lutando pela demarcação de nossa terra.

" NOSSA HISTÓRIA"

Maria e Tereza

Eu vou falar de minha terra natal, minha família é de São Benedito. Meus pais se casaram e tiveram os filhos todos em São Benedito, viemos de lá em 1962, no dia 12 de setembro para Monsenhor Tabosa sem conhecer ninguém, além do meu avô que veio nos buscar. Eu tive muita saudade da minha terra onde nasci e me criei.

Em 1968 me casei e tive dez filhos, mas infelizmente só criei cinco. Os outros cinco morreram, e hoje estou só com um filho e dois netos e meu marido. Três meninas casaram e a outra foi embora para São Paulo, mas me ajuda muito.

Eu, Maria Aparecida, que estou ao lado da mamãe, sou uma mulher que gosta de lutar pelos nossos direitos. Sempre gostei de lutar e quando estou certa, não gosto de mentira, pois gosto de coisa desenrolada e luto pela verdade.

No dia que a secretaria do município veio dar ordem na nossa comunidade, eu falei pelo nossos direito. Meu pai ainda mandou eu me calar, mas infelizmente quando eu estou certa ninguém me cala.

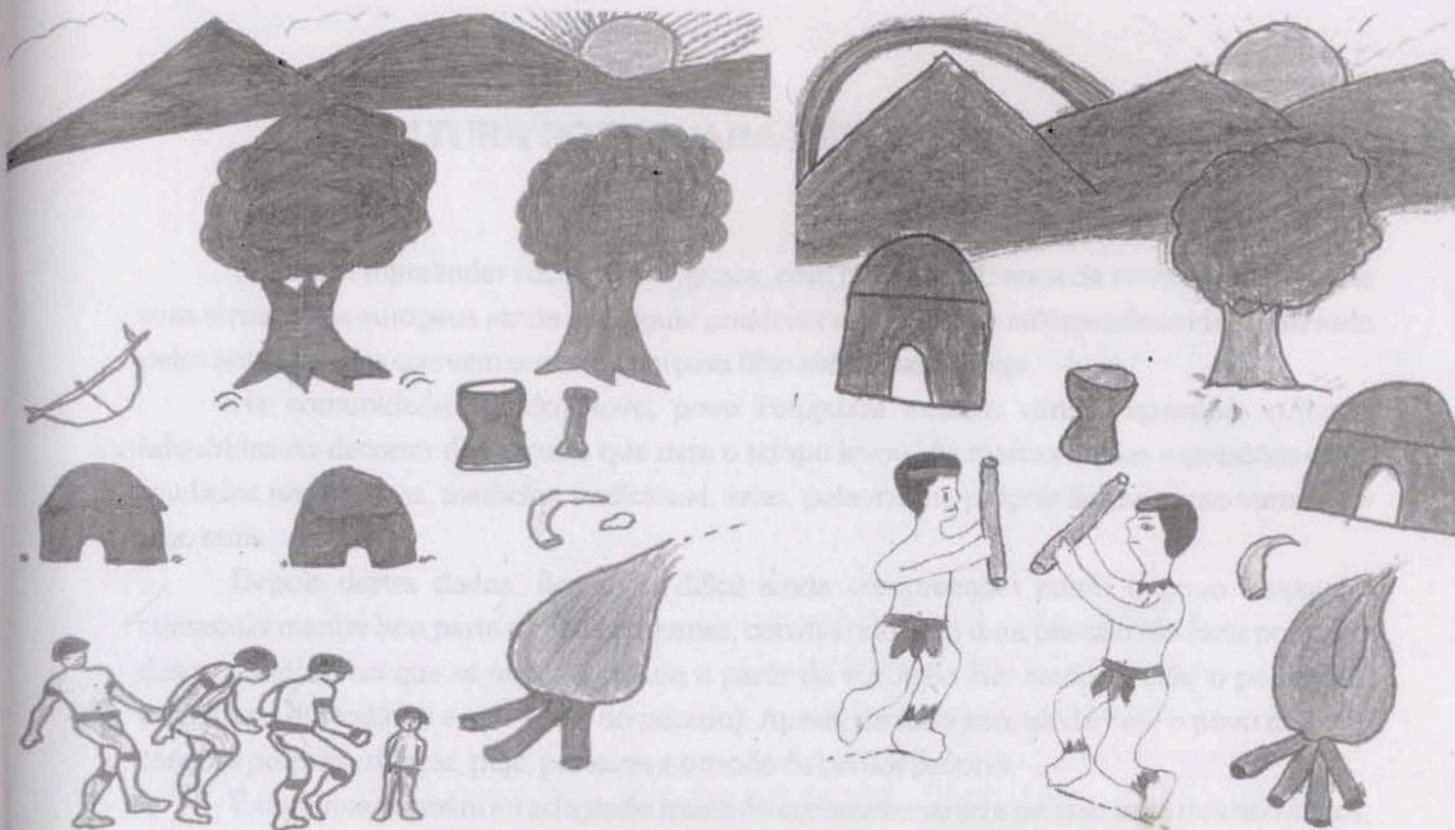
Sou casada, tenho três filhos que eu adoro e estou lutando com meu marido por uma vida melhor

Abraço de uma mulher Guerreira
Maria

Foi, esse encontro de famílias, de pessoas de toda a região que se procuraram dentro de um ambiente organizado e com o intuito de fazer um trabalho conjunto por Jesus. Para cada um o grande valor da dignidade, da liberdade, da justiça, da fraternidade e da solidariedade. Um povo - segundo os dados estatísticos - viveu em condições de vida precárias e de fome. Que hoje as famílias presentes aqui, através de suas ações, possam contribuir para a melhoria da qualidade de vida e para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

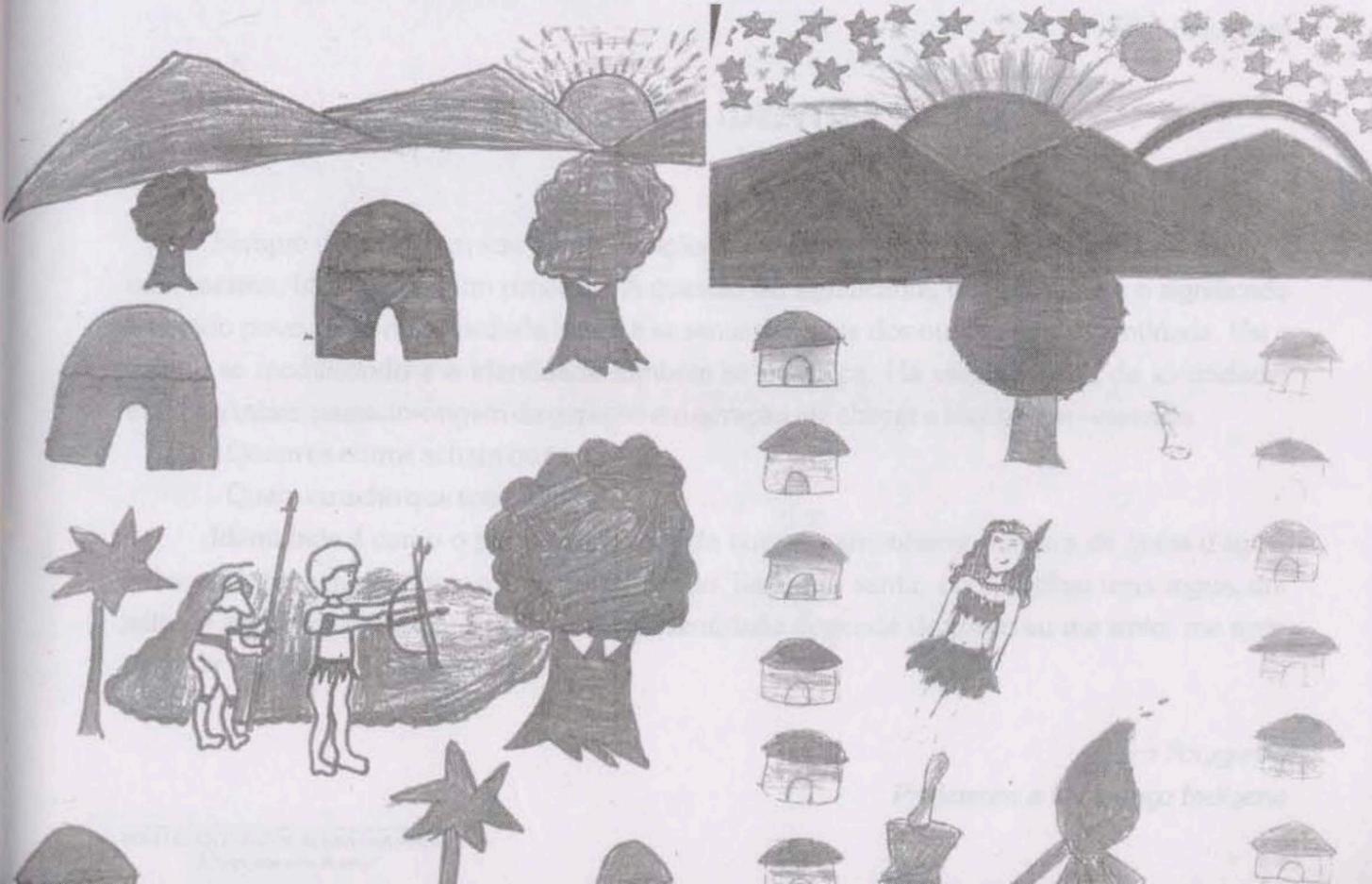
Em 1973, foi fundada a Associação dos Povos e das Famílias da Região. O objetivo principal da Associação é promover o desenvolvimento econômico, social e cultural da comunidade. Para isso, a Associação realiza diversas atividades, como cursos, oficinas, projetos de extensão, etc.

Atualmente, a Associação conta com um total de 12 famílias associadas. O trabalho desenvolvido pela Associação é muito importante para a comunidade, pois contribui para a melhoria da qualidade de vida e para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.



CAPÍTULO III

A CULTURA POTYGUARA



A CULTURA POTYGUARA NEM O TEMPO LEVOU

É difícil compreender como os Potyguara, com mais de 500 anos de invasão cultural e de suas terras pelos europeus ainda conseguiu preservar muito de sua cultura adquirida e cultivada pelos antepassados que vem sendo de pai para filho até os dias de hoje.

Na comunidade Mundo Novo, povo Potyguara existem várias expressões culturais adquiridas no decorrer dos séculos que nem o tempo levou. As marcas dessas expressões estão grudadas nas músicas, medicina tradicional, artes, palavras na própria língua como vamos ver logo mais.

Depois destes dados, fica mais difícil ainda compreender como o povo Potyguara conseguiu manter boa parte de seus costumes, convivendo com uma pressão tão forte por parte dos não índios, no que se refere a cultura a partir da européia (ser católico, falar o português, trabalhar o dia todinho e ter a idéia do pecado). Apesar de tudo isso, ainda hoje o povo mantém canções próprias, danças, pajé, parteiras e o modo de pensar próprio.

É claro que também foi adaptado muito do comportamento e pensamento dos não índios, isso devido 500 anos de pressão e principalmente a perda de quase todo território donde oferecia o sagrado espaço para expressão da cultura.

Faz-se necessário com urgência o nosso reconhecimento e a demarcação da nossa terra para vivermos com mais segurança no nosso jeito de ser e se comportar. Só com trabalho conjunto a FUNAI e Sociedade Brasileira é que nós Potyguara vamos ser respeitados assim como respeitamos os não indígenas.

Teka Potyguara

IDENTIDADE OU IDENTIFICAÇÃO

Sempre defino quem sou eu em relação aos outros. Não posso me definir em relação a mim mesma. Identidade é um processo. A questão do significante, o importante é o significado que todo povo, etnia ou sociedade busca e se sente diferente dos outros. Isso é identidade. Vai a cultura se modificando e a identidade também se modifica. Há várias formas de identidade: tradição/raízes, passado-origem de geração em geração até chegar a identidade - essência.

- Quem os outros acham que sou

- Quem eu acho que sou

Identidade é como o perfume do suor da terra ao amanhecer: mistura de gotas d'água, folhagem e terra que formam o aroma perfumado. Tem que sentir, compartilhar uma língua, um jeito de ser, agir, comportar-se.. Para se ter identidade depende de como eu me sinto: me sinto parte de... me sinto diferente de...

Teka Potyguara

Professora e Liderança Indígena

REFLEXÃO

A IMPORTÂNCIA DE CADA SER NA VIDA DE NÓS ÍNDIOS POTYGUARA

A mata é nossa vida
O sol é nossa luz
A lua é nossa energia
A terra é nossa mãe
A água é nossa fonte
Os bichos são nossos alimentos
As plantas são nossos remédios



O fogo é nossa visão
A terra é nosso lar
O ar é nossa suspiração
A sombra é nosso abrigo
As pedras são nossas armas
As estrelas são nossa imaginação



O dia é nosso trabalho
A noite é nosso descanso
E DEUS é nosso pai verdadeiro
Os pássaros são nosso encanto
As flores os nossos perfumes



O trovão e o relâmpado são nossa previsão
O arco celeste é nossa salvação
O céu é nossa admiração
E as leis dos brancos são nossa privatização
O nosso jeito de ser é nossa libertação
O processo cultural é nossa transformação



Sibá Potiguara

MONSENHOR TABOSA

REFRÃO:

É em Monsenhor Tabosa
Que eu vou extravasar
É na Serra das Matas
Terra que gosto de amar
É em Monsenhor Tabosa
Lugar bom de se morar
Fica no pico mais alto } bis
Do Estado do Ceará

Quando chego na chapada
Fico cheio de firmeza
Sentindo a brisa gostosa
Contemplando a beleza
Pena que a ignorância } bis
Devastou a natureza

O nosso lugar é lindo
Tranquilo e hospitaleiro
São Sebastião ajuda
Nosso Santo padroeiro
Pena que os governantes } bis
Atrasaram o seu roteiro

No inverno de manhãzinha
Se ouve a passarada
E o som do lavrador
Afiando a sua enxada
Pena que a agricultura } bis
Não seja incentivada

Quando chega o verão
Que é o tempo da fartura
Tem a festa da colheita
Forró beleza pura
Pena que as vezes a seca } bis
Nos traga tanta amargura

Gosto das festas juninas
Não perco um chitão maneiro
E a festa da independência
Tradição do brasileiro
Pena que seja tão curta } bis
A festa do padroeiro

Nossa terra é promissora
Isto é verdade sim
O que se cultiva dar
A pecuária, tudo enfim } bis
Nascente do Acaraú e do
Quixeramobim

Autor: Sebastião Messias
Professor do Povo Tabajara de Olho
D'água dos Canutos,
Monsenhor Tabosa

COSTUMES DOS POTYGUARA

- No tempo da safra, olhar o roçado um dos outros
- Carregar água com a vasilha na cabeça
- Tomar banho nu
- Repartir as coisas uns com os outros
- Crianças andam correndo e descalços com os pés no chão
- Cagar no mato
- Cozinhar só em fogão de lenha, fomalha
- Comer na cozinha sentado no chão
- Cuspir no chão
- Beber água de pote
- Usar pilão e moinho
- Benzer as crianças de quebrante e rezar para dor de dente
- Beber o mijo do menino (comemorar o nascimento)
- Parteiras (caximbeiras)
- Lavar roupa da mulher de resguardo
- Cuidar dos doentes
- Contar história de Trancoso, do cativoiro, cangaceiro, dizer adivinhações
- As coisas que temos na nossa casa, paiol encestado na cinza, 60 litros de feijão e 20 litros de cinza
- O milho é guardado em cabaça e as trempes são o fogão de antigamente
- Curriboque era a caixa de fósforo, os pratos eram de barro.
- Aquele tempo era melhor do que agora para algumas pessoas
- O feijão era apanhado em uru.

Criado por alunos da noite / Teka

O FICANTE

O Ficante foi a figura mais falada na serra e sertão. Ele chegou em Monsenhor Tabosa na era de um (1901). Ele conhecia tudo: Boa Viagem, Oitis dos Melos, Catolé, Águas Belas, Sopocaíba, Videl e, principalmente o local Chupador, no município de Monsenhor Tabosa, a casa dos vizinhos, saco do Belchior e saco dos veados. Ficante era um homem cheio de bravuras. O Ficante era um ótimo casseteiro, ele brigava de pedra, cassete e até de dente, ele morava no mato, andava com a "**casa na cabeça**" como diz o ditado. Ele carregava toda sua bagagem em um saco de estopa: rede, roupas, o prato e uma colher. Quando chegava em uma casa ficava no terreiro, fazia o fogo, assava as caças e só pedia farinha na casa para misturar com a caça assada. Ele também dormia fora das casas, armava sua rede nas latadas das casas.

O Ficante era alto, magro, só tinha três dedos no pé, o pé dele era bem comprido e fino, moreno do nariz comprido parecido com o Manoel Lopes.

O Ficante era perigoso demais, era o assombro do povo da região. Eu vou contar um caso interessante de sua vida. Certo dia o ficante estava sentado em Monsenhor Tabosa, cochilando, escorado no cacete e chegou o cabra e disse: olha o pau Ficante! Quando fechou a boca, o cabra já estava rolando no chão, aí o Ficante disse: ô cabra mole!

Mais corajoso que Ficante aqui na região era o Joaquim Preto meu avô.

Meu avô também sabia da mão direita como o Ficante. O povo sabe também, todos sabem da mão direita. Joaquim Preto era homem de ação e sabia da mão direita. Se eu fosse contar a história do Ficante passaria muitos dias e não terminaria. Até à Serra Grande o Ficante conhecia tudo, aquele índio era puro, dos que morava no mato mesmo.

Ele morreu na localidade "Cabeça Verde" no município de Tamboril em 1952. Morreu de velho, com a metade do corpo dentro de uma loca de pedra e os quartos de fora. Ele andava muito aqui no Mundo Novo, gostava de caçar nestes talhados aqui. Naquele tempo, ainda tinha um mourão de pau fincado no centro da terra para amarrar quem viesse à festa aqui e fosse bancar o valentão. Os tios da Teka pegavam e amarravam o cabra até o outro dia. Na próxima festa o cabra já vinha direito. A segurança daqui era o povo daqui mesmo. O povo daqui todos sabem da mão direita.

*História contada pelo Senhor Darico
e escrita pela professora Teka*

OBRAS DA NATUREZA

Na nossa área, existem furnas, tanques, lajeiros, morros, taiados e trinceiras. Todas são obras da natureza e servem para os bichos se esconderem, chamar o vento e guardar os segredos dos nossos mistérios. As matas são a roupagem do território. As furnas são: arassá, mané chico, vitrais da serra, panelinhas, monte video, quati e pajeú. Elas são a morada de animais como: onças, cabatão, raposas, furão, guaxinim, papamel, gato, cobras de veado, cascavel e salamandra. As furnas abrigavam os indígenas como o Ficante, o Chico vermelho e hoje a nós Potyguara quando está chovendo. Antigamente isso era mais freqüente.

Existem também tantos mistérios nas furnas que só a natureza explica. Em tempos e tempos há um mistério na fumaça do Mané Chico e na fumaça do Kamiranga que é um redimunho (vento forte) na boca das furnas. O vento forte percorre todo o morro e forma uma fumaça e depois sai uns gemidos bem alto. Sabemos que tem muitos mistérios nas furnas. No ano que o Mané Chico e Kamiranga gemem, tem muita chuva e bom inverno, com fartura.

As trincheiras são agrupamentos de pedras que servem para os punarés, rabudos, mocós se abrigarem. Costumamos armar quixó para pegá-los, para nossa alimentação. Já o preá se pega na gangorra na beira das varedas (veredas). Todos estes animais são da mesma espécie do preá do reino.

Os tanques são muito importantes, eles armazenam água que serve para nós bebermos e os bichos também. Os lajeiros e taiados são pedras maiores que servem para a beleza do nosso lugar e também atraem o vento forte para todo o nosso território.

Há várias trincheiras no nosso lugar e vamos citar algumas como:

- Detrás da Serra;
- Panelinhas;
- Kaipora;
- Morro da Ti Nenem;
- Pajeú
- Pedra amontada - é um grande salão feito de pedras no Monte Vídeo. Já os tanques mais importantes são: monte vídeo, panelinhas, goiabinhas, tanque da Gonçalves; tanque do urubu; tanque do pajeú e loca da Maria Diogo.

Organização: Teka Potyguara

Colaboradores: Ficante, Darico e Vandinho

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

Quarta-feira de cinzas, é dia de oração, de jejum, abstinência de carne, abertura das confissões, para isso precisamos assistir a missa ou celebração na nossa comunidade.

Quarta-feira de cinzas é um dia muito importante. Nós, povo POTYGUARA, respeitamos esse dia desde o tempo dos mais velhos.

Foi o dia em que Jesus reuniu seus discípulos, benzeu e queimou o ramo e deu cinza para todo o seu povo. É o primeiro dia da Quaresma. Isso quem nos ensinou foi a igreja católica.

NOTA: Foi muito difícil para meu Povo Potyguara viver conforme os costumes dos cristãos, porque isso, como menciona o professor Pinheiro, "implicava em um processo de abandono do seu modo de vida" e mais, foi difícil meu povo largar a vida nômade, passando de coletores e caçadores para agricultores.

Na página 5 do documento "Mundo em Confronto" o professor Francisco José Pinheiro em seu quarto parágrafo traz um trecho de uma Carta de Ascenso Gago que afirma:

"Assim na Serra como na Costa do Mar, fizemos (...), logo igrejas (...) para doutrinar e ensinar aos da língua geral, (...) aos domingos e dias santos se lhe diz missa, acudindo também todos a ouvi-la os já batizados da parte de dentro da igreja e os catecúmenos da parte de fora em terreiro dela. E depois da missa se lhes faz sua prática, **sobre algum dos mistérios de fé e os exortamos a viver conforme os costumes dos cristãos**".

Chica e Tereza

Alunos da noite

Professora Teka

HOMENAGEM À MULHER POTYGUARA



**A mulher
Potyguara,
junto de
seus filhos**

O dia 8 de março é o dia internacional da mulher
Neste Brasil, tem muita mulher independente
Tem muita mulher sofredora
Tem muita mulher na prostituição
Por isso as mulheres têm direitos
de lutar por seus direitos
Temos mulheres trabalhadoras

Temos mulheres organizadas, neste
país desmantelado e cheio de violência

Somos mulheres
Somos fortes
Somos uma nação com futuro
Somos mulheres brasileiras
Temos dignidade
Temos valor
Temos cultura
Temos responsabilidade

Adrianan

MÚSICA POTYGUARA

Apresentação das moças POTYGUARA no dia 26/11/00, dia da inauguração da bodega comunitária. Nesse dia foi apresentada essa música:

Nós POTYGUARA queremos agradecer pela sua presença. Obrigado, obrigado, obrigado, Cariri e Tabajara, POTYGUARA.

Pela sua coragem de vir para o encontro, obrigado, obrigado, obrigado.

Ficamos felizes em receber em nossa comunidade, obrigado, obrigado, obrigado por estar aqui.

Agradecemos aos professores pela participação, obrigado, obrigado, obrigado pela participação.

*Culica, Cidalva, Valda, Maria Osmarina,
Cristina, Luiza, Adriana*

AS DOZE EXCELÊNCIAS ORAÇÃO PARA PEDIR CHUVA

Foi cantado as doze excelência do meu Senhor Deus para receber a chuva.

Uma excelência do meu Senhor Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus.

Duas excelências do meu Senhor Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus.

Três excelências do meu Senhor Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus.

Quatro excelências do meu Senhor Deus, socorrei-me com chuva pelo o amor de Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus.

Cinco excelências do meu Senhor Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus.

Seis excelências do meu Senhor Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus. Socorrei-me com chuva pelo amor de Deus.

Sete excelências do meu Senhor Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus.

Oito excelências do meu Senhor Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus.

Nove excelências do meu Senhor Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus.

Dez excelências do meu Senhor Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus.

Onze excelências do meu Senhor Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus.

Doze excelências do meu Senhor Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus, socorrei-me com chuva pelo amor de Deus.

OFERECIMENTO DAS DOZE EXCELÊNCIAS

Aceite a senhora os nossos louvores
essas doze excelências é de Nosso Senhor
essas doze excelências é de Nosso Senhor

Madalena POTYGUARA (rezadeira)
Antonia Potyguara (rezadeira)

A ARTE

Até os anos 70, usávamos pirrute para clarear as nossas noites escuras. É feita de mamona, cera e algodão. Chica vestida de preto segura o pirrute em sua mão. Fafá está fiando para fazer redes. Culica tecendo Cuxim, feito com linha de algodão. Somos todos POTYGUARA do tempo do fogueteiro.

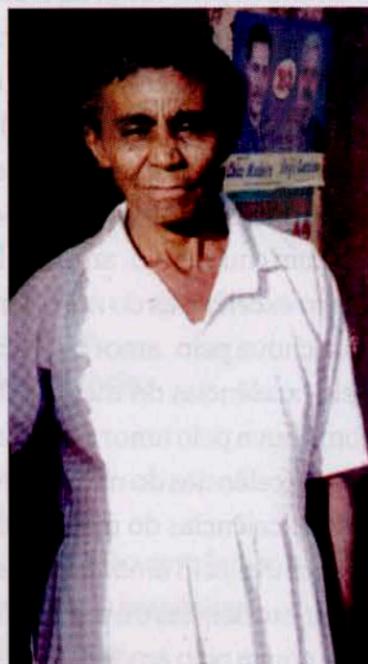
Hoje, na nossa comunidade está recuperando as artes antigas como: fiar, pirrute, jogo do cassete, o resgate da nossa língua, erva do mato, oração dos astros entre outros.

AS PARTEIRAS E BENZEDORES

Além de pegar meninos, as parteiras também sabem rezar para curar quebrante, arca caída, mal de sete, dias vento caído, espinhela caída e ramo (trombose), entre outras.

Muitas vezes a parteira é curada e tem o corpo fechado. Os nossos meninos são pegados pela parteira e graças a Deus que, até hoje nunca morreu uma mulher de parto aqui.

As parteiras de hoje são: Madalena POTYGUARA, Doca Potyguara e Vanja. Antes, estiveram outras que não saíram da memória nem da lembrança dos POTYGUARA como: Raimunda Timóteo, mãe Sabrina, mãe Ugena (mãe da Sabrina), tia Maria, Joaquina Gavião, mãe Cristina Valério, mãe Ursa (1840) e mãe Delfina (1904) da Serra das Matas (São Félix), Antonia Pacheco, parteira do Sítio do Souza em 1830. Da "Época dos meus avós". Vangelina parteira da época de (1950 a 1970) em Sítio do Souza que atendia toda a região.



Uma das parteiras
Madalena

¹⁰ Curada e corpo fechado - quer dizer que quando uma pessoa é mordido de cobra o veneno não lhe faz efeito, não tem medo de doenças pois sabe de orações que lhe defende de todos os males.



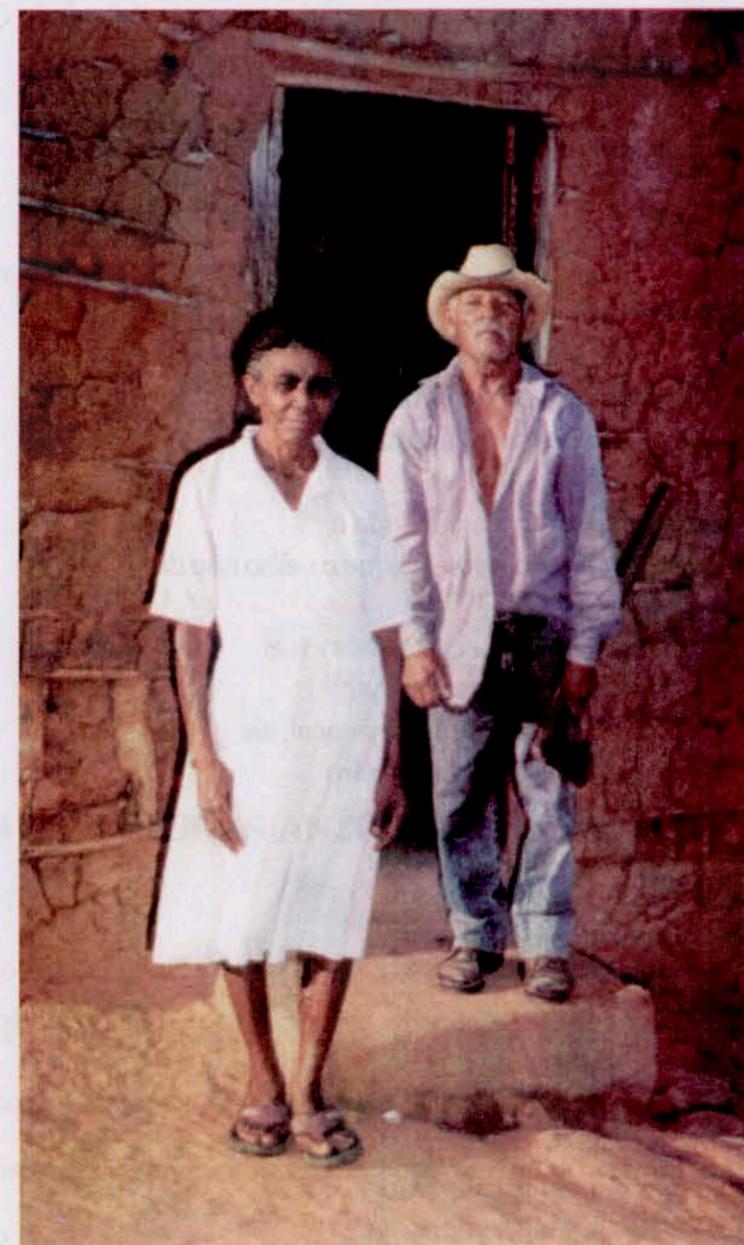
O cepo era usado pelas parteiras

Um dos instrumentos utilizados no trabalho das parteiras é o cepo.

A utilidade do cepo para as parteiras da nossa comunidade em mundo novo era ajudar a ter filho mais rápido.

Quando a mulher se sentia sem força para parir tinha que sentar na beirada do cepo, mas hoje, embora exista a cama, o cepo ainda serve e existe nos dias de hoje.

Houve muitos rezadores daqui e da vizinhança que também ajudaram a curar os doentes da nossa comunidade. Vai aí alguns nomes: Luís Miranda, Dondon Lopes, Chaga Miranda, Estrovide, Neuza, Chaga Vermelho, Tereza Baixinha, Doca POTYGUARA, Tacinha Alexandrino, Antonia Bruno e Antonio Manga. Somos todos filhos de parteiras, por isso respeitamos muito.



Os rezadores

MÚSICA DO CASAMENTO DO BESOURO

Besouro Mangangá

Oi zung ô bezouro mangangá
Casemo nossa filha que o velho não dar
Casemo nossa filha que o velho não dar
Oi casemo nossa filha que o velho nos dar

Oi zung, zung, zung, zung, zung
Oi zung, zung, zung, zung, zung
É a pancada mangangá

Casar nossa fia, agora o noivinho por
Certo teremos, e o senhor vigário de
Onde veremos? Saltou o mambira do
Seu mambiral, ele estava pronto pra
Ser o vigário.

Oi zung, zung, zung, zung, zung
Oi zung, zung, zung, zung, zung
É a pancada mangangá

Saltou o pebinha de seu pebaral, ele
Estava pronto pra ser o sacristão

Oi zung, zung, zung tua pancada é
Mangangá: casemo nossa fia que o velho não dar.

E agora o sacristão, por certo teremos e
O trombeteiro de onde veremos?
Saltou o macaquinho de seu macacal, ele
Estava ponto pra ser o trombeteiro

Oi zung, zung, zung, zung, zung
Oi zung, zung, zung, zung, zung
É a pancada mangangá

Agora o trombeteiro por certo teremos e as galinhas de onde veremos?
Saltou a raposa de seu raposal, amarre
Os cachorros que as galinhas eu dou.

Oi zung, zung, zung, zung, zung
Oi zung, zung, zung, zung, zung
É a pancada mangangá

Maria Paixão

CABORÉ

Pra onde vai meu compadre, caboré?

Eu vou ali na pisada do jati, corujão

Drome no ôco, corujão drome no tôco,

Corujão dorme no chão. Quando o caboré se zanga Mete o pé no corujão

É o sapo, é a rã, é a jia, é o caçote Por detrás da engenhoca

Com o grajaú do tapioca

Pra vender na freguesia

VERSO

Segunda feira que vem, vou abrir o meu roçado

As guaribas vão de foice

Os macacos de machado,

Tatu peba na madeira,

Já tá de lombo pelado.

Os soim tecendo cerca

Já vi bicho aguniado.

Povo Potyguara

AS SEPULTURAS ANTIGAS

Moramos num local cheio de sepulturas antigas. Nós nunca pensamos em escavar para ver o que ainda podíamos encontrar, mas agora despertou a curiosidade e uma turma de homens e mulheres daqui resolveram escavar algumas das várias sepulturas espalhadas por diferentes partes do nosso território. Nas que foram escavadas não foi encontrado muita coisa de resultado, só um pequeno osso já perfurado.

MÚSICA DO JUCÁ

Jucá Mané e cá, a rama é pro gado,
A Bage para o veado e o pau pro malcriado.

Dei, dei, dei, dá, dá no pau quando eu mandar
Quebra cuia a índia chora, eu vou embora, dá
No pau quando eu mandar.

Te apruma já vai jucá: cabeça, braço direito,
Braço esquerdo, cotovelo, joelho, canela, pé-rachado.
Isso é o treino. O cabra tem que ser ligeiro.

A UTILIDADE DA PEDRA

Na nossa comunidade as pedras servem muito. Usamos a pedra para lavar roupa em cima, usamos para cozinhar comida. A pedra de um tipo arredondada e um pouco fina, servia como frigideira para fazer bolo, tapioca e beiju.

A pedra média, usamos para fazer quixó, para pegar rabudo, gato, preá, também para pegar os bichos que perseguem as galinhas como: gato-do-mato, raposa e cassaco.

O quixó é uma espécie de armadilha feita com pedra e vareta, contendo isca para pegar pequenos animais.

*Texto criado pela professora indígena Sibá
Março/2000*



Quixó, armadilha para pegar as caças

APRESENTAÇÃO DOS POTYGUARA E TABAJARA EM MONSENHOR TABOSA

Nos dias 4 e 5 de setembro de 1999, foi a vez dos indígenas da Serra das Matas. Nos reunimos na praça de Monsenhor Tabosa para mostrar nossos conhecimentos culturais na arte da dança e bebida do mocororó e, principalmente, o contexto histórico da Serra das Matas que está no nosso conhecimento.

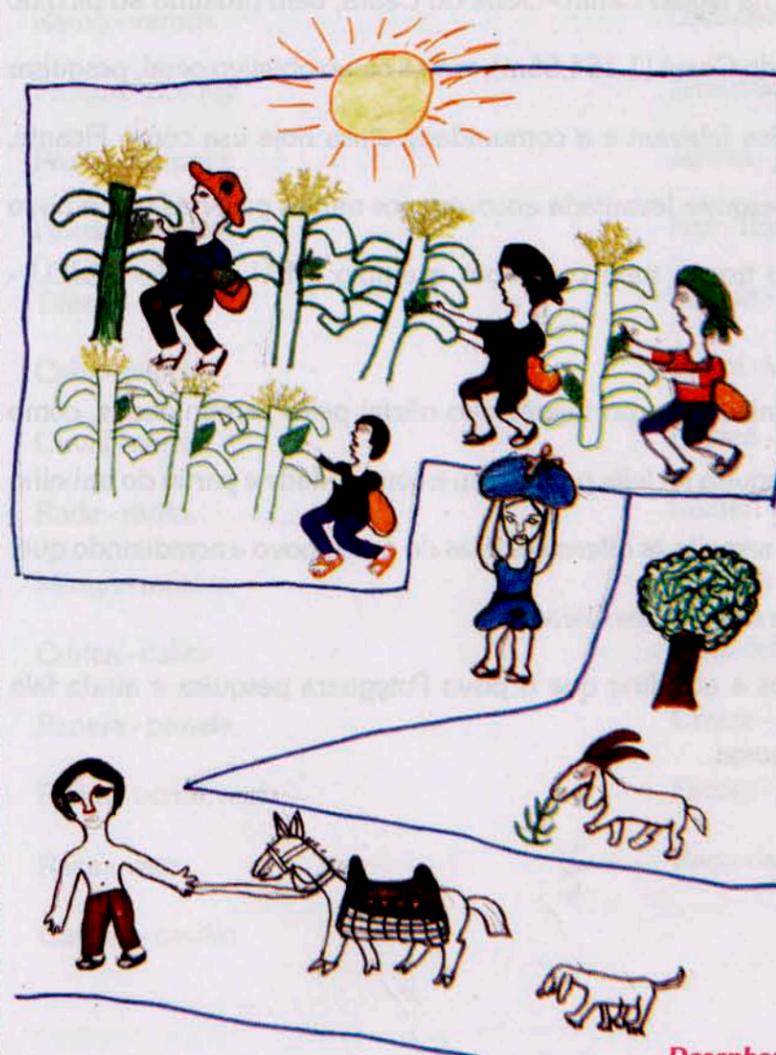
Durante os dois dias, montamos uma barraca indígena e vendemos muito artesanato, como também animamos com danças e músicas aquelas noites. Na nossa fala, mencionamos os nossos direitos que estão na Constituição de 1988, capítulo VIII nos artigos 206, 215 e 231 e na Lei de Diretrizes e Bases nos artigos 78 e 79.

Teka Potyguara

COMO VIVIAM OS NOSSOS ANTEPASSADOS

Nosso povo indígena, tempos atrás, vivia nessas terras antes de ser o Brasil. Todos libertos e tranquilos. Vivia da caça, da pesca, da coleta de frutas e de festejar a vida. Os índios, pouco a pouco, foram alterando os seus costumes e perdendo quase por completo outros, tais como: a língua e as pinturas corporais.

Profª. Culica



Desenho: Jacinta

ROTEIRO PARA O SUCESSO

PESQUISA

Na Comunidade Mundo Novo Potyguara ainda continua sendo necessário o levantamento de dados sobre o uso do Português oficial e não oficial, bem como o levantamento de palavras da própria língua. Assim sendo, obteremos sucesso no resgate sócio-linguístico, dando resposta a sérios desentendimentos que vêm ameaçando os índios que muitas vezes são discriminados pelos não índios, dizendo que o povo indígena fala errado o português. Queremos mostrar que não falamos errado e sim diferente.

Portanto, nós que moramos na região Centro-Oeste do Ceará, bem próximo ao pico do Oeste, ponto culminante do Estado do Ceará (1.154,56m), temos como objetivo geral, pesquisar palavras que os nossos antepassados falavam e a comunidade ainsa hoje usa como Ficante, Kaênga, Grajau, entre outros. Na pesquisa levantada encontramos muitas palavras que o povo fala no dia-a-dia e é originária do tronco tupy como por exemplo: URU - JATI - PAJEÚ - TATAJUBA - KAATINGA...

A escola trabalha palavras faladas no português não oficial pelas comunidades, como também o português oficial. Esta pesquisa foi feita para e com a comunidade e partiu do trabalho de sala de aula, levando em conta o respeito às diferentes falas do nosso povo e acreditando que, se há comunicação, não existe língua errada, mas diferente.

Por tudo isso, somos levados a acreditar que o povo Potyguara pesquisa e ainda fala algumas palavras da própria língua nossa.

GLOSSÁRIO DAS PALAVRAS PESQUISADAS

Mii - Milho	Grobo - globo
Faria - farinha	Pirão - pilão
Muié - mulher	Carou - calor
Dixe - disse	Cabero - cabelo
Cratiu - Crateús	Chinera - chinela
Furtaleza - Fortaleza	Bicicreta - bicicleta
Oi - olho	Chicrete - chiclete
Posta - porta	Cora - cola
Reia - velha	Paurim - Paulinho
Rem - vem	Ralda - Valda
Ramo - vamos	Lucirene - Lucilene
Pruque - porque	Terevisão - televisão
Prumode - para	Janera - janela
Home - homem	Fror - flor
Tifanga - redes	Sarada - salada
Caba - cabra	Virani - Vilani
Cuval - curral	Baracó - balacó
Rade - rádio	Ralderi - Valderi
Musga - música	Randim - Vandinho
Curica - culica	Feriz - feliz
Panera - panela	Crasse - classe
Renta - venta, nariz	Escora - Escola
Raca - vaca	Raço - laço
Carralo - cavalo	

LEVANTAMENTO DOS NOMES DAS ABELHAS E BICHOS DO MATO

ABELHAS - Zamboque, jati, cabatão, inxuí, jandaíra, cafinfim, abelha branca, marimbondo, inxu, moça branca, tucandeira, cupira, manganjá, Italiana, capuxu, saranhão, taturana, breu, canudo, mosquito dunduri, mosquito ususu, tubiba, mumbuca.

BICHOS - gambá, mabeira, girita, caçaco, guaxini, raposa, gato, peba, rabudo, preá, mocó. Furão, macaco, rato, tatu, tejo, tijubina, veado, lagartixa...

NOME DE PAU - Tatajuba, aroeira, catingueira, arassoá, jurema, pau de mocó, juazeiro, meledeiro, imburana, angico, jucá, bálsamo, pião, mata fome, mufumbo, mororó, maria da costa, barriguda, mussambê, carro santo, mandacaru, xiquexique, cordeiro, jenipapo, alecrim, mussambê-e, sabiá, pau de pedra, mancambira, jatobá, cedro, pand'co, maria preta, camará, berduegua, pratudo, ameixa, maninsobra...

a) Levantamento dos nomes dos lugares dentro da área.

Zarisco, zarassá, zarapiraca, zaraújo, montevid, arueira da mentira, pau de mocó, pretinho, tanque de bibila, lageiro do zé doca, lageiro do mané chico, Tatajuba, urubu, pajeu, avati, olho d'água branco, os quinze, Grota do mulungu, pedra da sela, olho d'guinha, as panelinhas, alto do cavalo velho, bebedor, os punaré da ladeira, lageiro do zé doca, lageiro da vovó do chico, goiabinhas, as trinxeiras, Raimundo Gino, saco, tanque da gonçala, Lagoinha, pedra amontada, lageiro da mata, baixa do arroz, os paula, pageiro do rio.

"uma mão no feixo e outra no cano"

b) Resgate linguístico

Maria faz 5 mamparra de bóia
Balacó faz 5 mamparra de URU
Tem muito preá na caatinga
Potyguara do tempo do fogueteiro
Do curriboque ao Borná
Baiaku é bom de bóia
Torô é kurumi do jau
Kaênga é irmão do Pirriloca
O ficante é irmão da Pintin, pinote e turisca e Masau
Boris é tio do Kaênga
Merubina é neto do Boris
Balacó e jau são irmãos
Peba é filha do Grajáú
Perronte e Cibá são filhas do Ficante
Masau conhece duas mamparras de nambu e Curduniz
Kapiossa é índia Potyguara
Somos todos Potyguara

Alunos da noite - junho 1999 / Terezinha Pereira

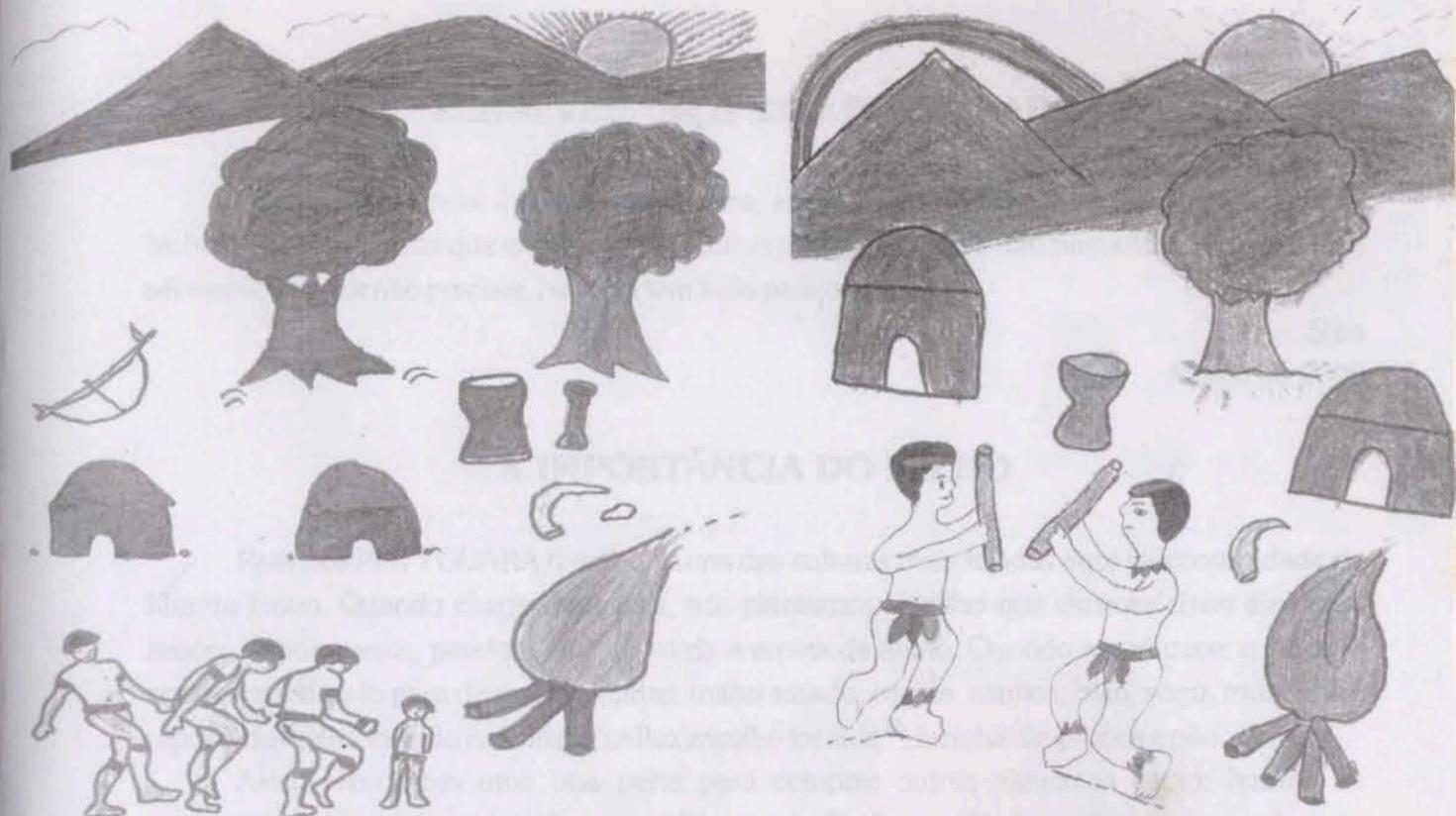
PALAVRAS USADAS PELOS POVOS INDÍGENAS DA SERRA DAS MATAS

1. Uru - cesto de palha
2. Urupenba - peneira de palha
3. Uruoca - cidade do Ceará (casa de palha)
4. Mamparra - tipo de...qualquer coisa
5. Preá - (família de paca)
6. Kaatinga - mata branca no sertão
7. Currimboque - aparelho que os antigos faziam fogo (xifre de gado)
8. Borná - patuá
9. Baiaku - nome de pessoa e etnia indígena
10. Pajaú - árvore - nome de pessoa - Potyguara
11. Kaênga - nome de pessoa - Potyguara
12. Merubina - nome de pessoa Potyguara
13. Boris - nome de pessoa Potyguara (é também um nome francês)
14. Balacó - nome de pessoa
15. Grajau - kacué - nome de pessoa, nome de uru de palha
16. Grajáú - nome de pessoa
17. Pinote - nome de pessoa
18. Ficante - nome de pessoa
19. Sibá - nome de pessoa
20. Perronte - nome de pessoa
21. Marçal - nome de pessoa
22. Nambu - ave (bicho)
23. Curduniz - ave
24. Kaé - azar
25. Fianga - rede
26. Tifanga - rede
27. Kaengado - azarado
28. Breu - tipo de abelha
29. Saburá - própolis de abelha
30. Tatajuba - árvore
31. Taioca - formiga
32. Jati - abelha
33. Arapuá - abelha
34. Mangangá - abelha
35. Mufumbo - árvore - pau
36. Musambê - árvore - pau
37. Karitó - tipo de armário feito no canto da casa por dentro
38. Katingueira - árvore - pau

39. Kumaru - emborana - árvore pau
40. Mororó - árvore pau
41. Tejo - bicho da família de jacaré
42. Tejubina - bicho da família de Tejo
43. Tiú - Tejo
44. Juriti - ave
45. Caçaco - bicho
46. Jurema - árvore pau
47. Jatobá - árvore pau
48. Paiol - depósito de guardar feijão
49. Trêmpo - fogão dos Potyguara - fornalha
50. Bóia - comida
51. Kanã - família
52. Makaro - família
53. Kapuxu - família e tipo de abelha
54. Kafurigo - menino de ± 10 anos - moleque
55. Zuruó - tonto - não entende as coisas
56. Zonzo - tonto - não entende as coisas
57. Kafanga - defeito - botador de defeito
58. Kapueira - roçado velho
59. Bilé - inexperiente - lezado
60. Fuênga - arupúa de abelha
61. Arapúa - fuênga tipo de abelha
62. Taboca - taquara - pife
63. Coité - cuia de côco
64. Jenipapo - árvore pau
65. Zamboque - abelha
66. Cafinfin - abelha
67. Cupira - abelha
68. Tubiba - abelha
69. Jandira - abelha
70. Taturana - abelha
71. Urussu - abelha
72. Mangangá - abelha
73. Kapuxu - abelha
74. Jucá - árvore pau
75. Macambira - árvore pau
76. Kulica - nome de pessoa Potyguara
77. Pirriloka - nome de pessoa Potyguara
78. Kapiassa - nome de pessoa Potyguara
79. Pioba - nome de pessoa
80. Peba - nome de pessoa

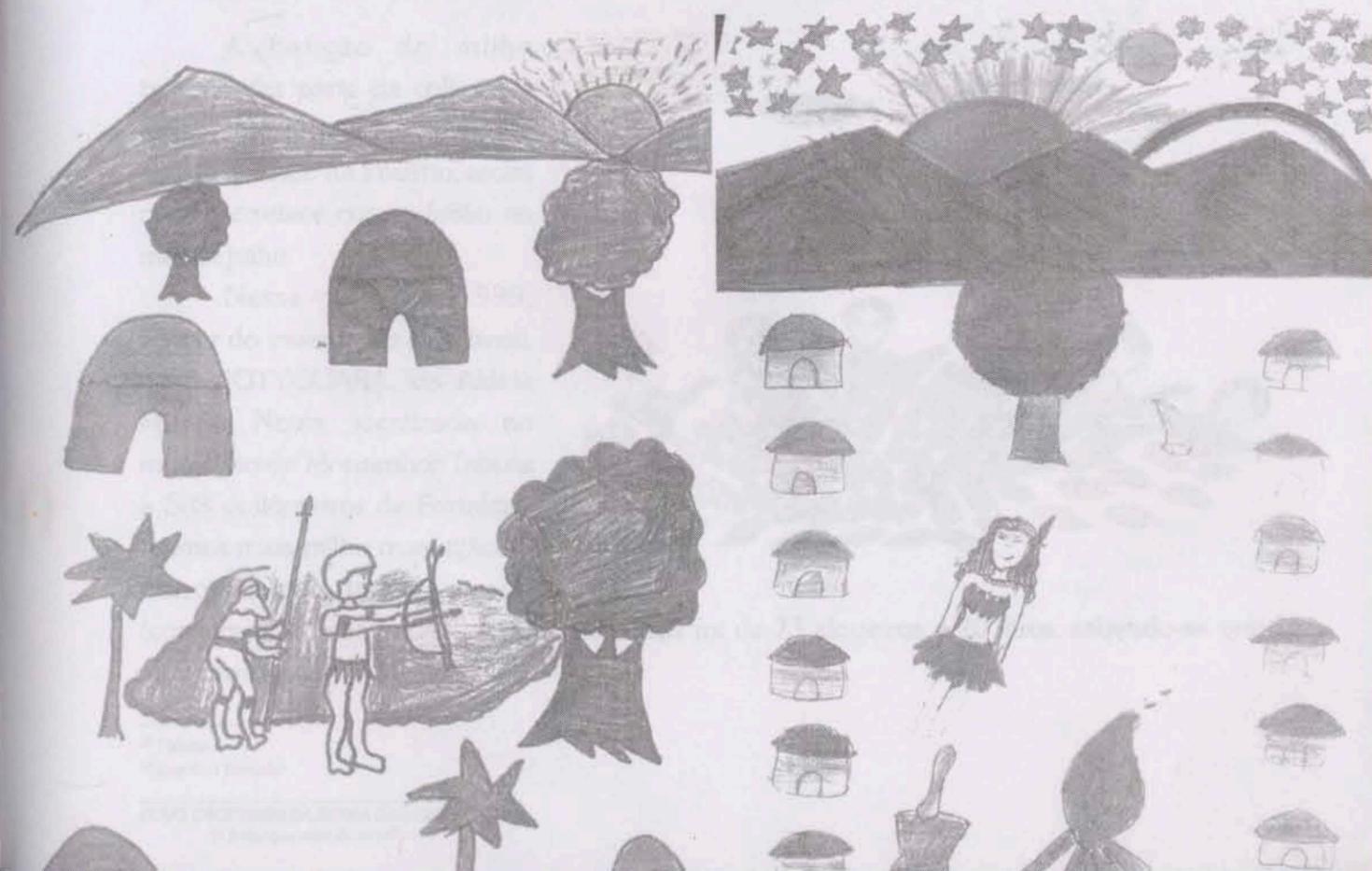
81. Maúde - nome de pessoa
82. Darico - nome de pessoa
83. Bidosa - nome de pessoa
84. Jau - nome de pessoa
85. Lezado - faz as coisas devagar
86. Lerdo - anda devagar
87. Chicó - nome de pessoa
88. Bodó - nome de pessoa
89. Jiricó - árvore pau
90. Fute - cão
91. Puanga - rede
92. Kunhã - os pais chama com as filhas
93. Kuã - passarinho
94. Kuiã - pais chama com as filhas
95. Mió do mundo - muito bom
96. Sutil - pessoa calma - calada
97. Monarca - grande, forte
98. Ueco - forte, gorda
99. Urco - forte, gordo
100. Robe - vestido para grávida
101. Kapemba - vai pra casa da capemba
102. Maqueira - rede
103. Maca - rede
104. Pusarenga - rede rasgada cheia de nós
105. Tipoia - rede pequena amarrado com uma corda
106. Titanga - lençol velho do resto do meio da rede
107. Janga - pedaço de cabiceira de rede
108. Fianga - pussuranga (ninho de boé)
109. Enguirizia - traçado
110. Trambei - entrave - atrapalhado
111. Escumitido - sem respeito arrota e peida em todo canto
112. Fazer pouco - humilhar
113. Mais cumpôco - daqui a pouco
114. Perambulando - viajar de um lugar para outro
115. Deu uma encauca - uma chamada puxão de orelha
116. Increu - safado
117. Amocada - deitado reservada
118. Alarme - come muito, com rapidez para ganhar mais comida
119. Inquerido - avanço comida impaciente
120. Encanêngada - não cresce, não desenvolve
121. Escamelexo - escancarou, desloca
122. Inxunda - galinha sobreco de galinha com muita banha

- 123. Inquisição - intriga arenga
- 124. Loano - vagabundo
- 125. Estrambote - esquisito
- 126. Taka - peia
- 127. Xaboque - topada que a gente se feri
- 128. Zunido - ligeiro
- 129. Bofada - pancada
- 130. Assevera - concorda, não se importa
- 131. Arfando - barriga cheia
- 132. Kafuringa - coisa velha
- 133. Gospira - raposa
- 134. Fubana - porca
- 135. Isguerido - morto de fome
- 136. Tendel - barulho de menino
- 137. Labassé - barulho de gente
- 138. Fintão - miserável e pidão
- 139. Rifrigel - comida do mato - que as pessoas colhem da natureza
- 140. Kerebrei - entupir buraco
- 141. Pai d'égua - grande



CAPÍTULO IV

A ECONOMIA POTYGUARA



PERSEVERANÇA DOS POTYGUARA

Ser índio para mim é saber amar a terra, as matas, as pedras, os pássaros e respeitar os bichos. Conservar tudo que existe na terra, colher as frutas, raízes e não prejudicar as matas. Não ser ambicioso por não precisar. Na terra tem tudo para nós.

Sibá

Março de 2000

A IMPORTÂNCIA DO MILHO

Para nós POTYGUARA o milho é uma das culturas mais usadas aqui na comunidade de Mundo Novo. Quando chega o inverno, nós plantamos o milho que demora cinco dias para nascer, depois cresce, pendoa, fakeia¹⁶ e cria a espiga de milho. Quando amadurece, a gente já começa a utilizá-lo para diversas comidas: milho assado, cozido, canjica, bolo, angu, muncunzá, pipoca-do-milho torrado nas cinzas, milho, zarolho torrado¹⁷, farinha-de-pipoca e pão.

Ainda vendemos uma boa parte para comprar outros alimentos como: farinha de mandioca, açúcar, café, arroz, gás, macarrão e outros. Então o milho é a melhor fonte de alimento para os Potyguara.

Sibá

Professora

A BATIÇÃO DO MILHO

A batição do milho também faz parte da colheita e sempre acontece no mês de agosto quando há inverno, assim como acontece com o feijão no mês de julho.

Nesse ano de 1999, apesar do inverno ter sido fraco, nós POTYGUARA, da Aldeia Mundo Novo, localizada no município de Monsenhor Tabosa a 303 quilômetros de Fortaleza, tiramos mais milho que feijão. O nosso milho vai dar para o gasto (consumo). O milho colhido na comunidade foi de 73 alqueiros e 20 litros, sabendo-se que 1 alqueiro é igual a 160 litros.



¹⁶ Fakeia

¹⁷ Zarolho torrado

A nossa aldeia conta com 22 famílias e 120 habitantes. Se todos da aldeia tivessem tirado a mesma quantidade de milho, daria para cada família uma média de 530 litros de milho, o equivalente a 3 alqueiros e 50 litros de milho.

Outra questão é o preço desigual dos nossos produtos em relação aos produtos do comércio. Um litro de feijão hoje (02.09.99) está custando cerca de 0,43. e um litro de milho é 0,125 centavos. 24 litros de milho vendidos a 0,125 vai dar para comprar um quilo de carne de bode que hoje custa R\$ 3,00 e para comprar um quilo de carne de gado que hoje custa R\$ 4,00 é preciso vender 32 litros de milho a 0,125 cada litro.

No início deste ano, o feijão foi comprado a R\$ 2,50. O Balacó comprou 50 litros de feijão por R\$ 125,00 que é igual a R\$ 2,50 cada litro. Hoje, dia 02.09.99, o mesmo Balacó foi vender 50 litros de feijão ao mesmo comerciante e só achou o preço de R\$ 21,50 com diferença de 7 meses. Portanto o Balacó perdeu para o comerciante R\$ 104,50 isso é porque é época de safra no roçado do Balacó. Balacó vendeu a este comerciante 3 alqueiros de feijão por R\$ 90,00 saiu R\$ 30,00 por cada alqueiro de feijão.

Setenta e três alqueiros de milho vendidos a R\$ 25,00 cada, é igual a R\$ 41.825 que divididos por 22 famílias é igual a R\$ 82,95. Vimos que não dá para a nossa sobrevivência até a próxima safra.

Professora Teká Potyguara

Alunos: Norberto, Antônio, Toinho, Tereza, Chica, Vandica, Raimundo, Pergentino, Chico Maria, Zé Pedro, Renato, Dagmar, Tote Basta, Chico Pedro, Currita, Conceição, Ponsiana, Francisca Maria, José Francidalva, Valda, Adriana, João Paulo, Irancidalva Correia, Roberto.

COLHEITA - 1

Nós povo POTYGUARA estamos nos preparando para a chegada da colheita. Para isso precisamos cuidar bem dos legumes.

A fartura é muito importante para nós, povo trabalhador, que está feliz com o inverno. Se temos inverno temos tudo, com nossos costumes, cultura e luta para ter uma vida melhor. Somos um povo POTYGUARA.

Alunos da noite pela Profª Culica



Cabaça, Milho, Jerimum, Melancia, Pé de Feijão

COLHEITA - 2

A partir de maio, nós já estamos nos preparando para a colheita que é muito importante para nós trabalhadores. Quando tem inverno temos safra, por isso precisamos manter o roçado limpo para ter uma boa colheita.

Os trabalhadores quando têm bastante legumes para colher fazem festa. O que é muito importante para o homem do sertão é a colheita de milho, feijão, mamona, algodão... Quando acabamos de colher a nossa safra reunimos o nosso povo da comunidade para juntos discutir quando vamos colocar os animais na solta para comer as pastagens.

Somos um povo POTYGUARA
Culica

O QUE PLANTAMOS NO ROÇADO

Milho
Feijão
Cabaça
Melancia
Jerimum
Pepino
Mamona
Algodão
Cabaça de colo
Girassol
Gergelim
Tomate...

O QUE COMPRAMOS NO MERCADO

Óleo Sal Arroz Farinha
Açúcar
Rapadura
Goma
Fósforo
Fumo
Óleo de queimar
Biscoito
Macarrão
Massa do trigo
Café
Pimenta
Alho e carne
Sabão
Bombom...

A COLHEITA DA SAFRA

A partir de abril, já estamos nos preparando para colher nossa safra. Para isso, precisamos reunir a comunidade para juntos discutir alguns pontos como: fazer a cerca, não deixar os bodes entrar nos roçados. Os produtos do roçado tanto servem para nossa alimentação como para a comercialização.

Na época da colheita da safra, cada família vai fazer seus trabalhos como: apanhar feijão, quebrar milho, buscar melancia, buscar maxixe e jerimum para alimentação do dia-a-dia.

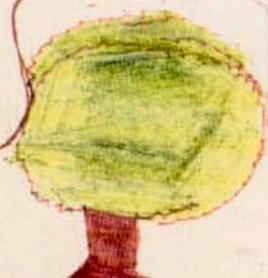
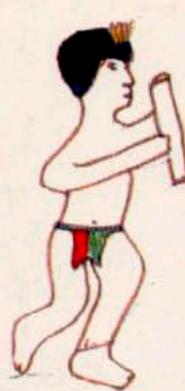
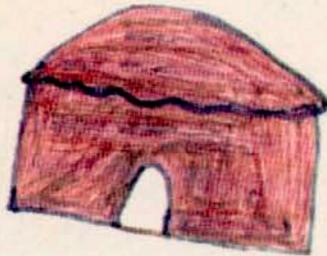
Somos um povo da etnia POTYGUARA que, apesar dos 500 anos de contato, ainda temos muito da nossa cultura. Na fala algumas palavras herdadas dos nossos antepassados ainda hoje estão presentes no nosso vocabulário como: uru, kaênga, kaatinga, pajau, grajau, tatajuba, koité e muitas outras palavras. A nossa religião é mais na base do respeito e relacionamento com a terra, água, fogo, ar, árvore e as aves e animais do mato. Temos um forte relacionamento com esses fenômenos e animais e acreditamos na força que vem da nossa energia.

Para termos tudo que necessitamos, precisamos da Terra. Uma légua (que já representa uma redução significativa quando comparamos com o território que ocupávamos antes da invasão européia) como marca nossa escritura, água potável, mata e que sejamos reconhecidos pela FUNAI como povo POTYGUARA porque nós já sabemos que somos indígenas, pois muito antes de 1500 já vivíamos unidos em comunidade.

Outrossim, depois de tantos anos de contato com o mundo envolvente nos acostumamos a usar coisas como: sal, roupa, sabão, remédios homeopáticos porque também chegaram as doenças que não conhecíamos como sarampo, pneumonia, tuberculose, entre outras.

Os produtos da safra possibilitam a nossa alimentação e o que sobra é comercializada. Temos uma área de terra com uma légua, a qual tradicionalmente ocupamos, só que parte desta terra está nas mãos de fazendeiros. Estamos lutando para ter toda terra de volta.

Terezinha Ferreira



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

